



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

Faculdade de Educação

LUCIANA MARIA RICCI DO VALLE MESQUITA

**PATRIMÔNIO PESSOAL E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA -  
POSSIBILIDADES DE UM VIVER SENSÍVEL**

CAMPINAS

2020

## **PATRIMÔNIO PESSOAL E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA - POSSIBILIDADES DE UM VIVER SENSÍVEL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração de Educação.

Orientador: PROF. DR. ADILSON NASCIMENTO DE JESUS

ESTE TRABALHO CORRESPONDE A VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DEFENDIDA POR LUCIANA MARIA RICCI DO VALLE MESQUITA E ORIENTADA PELO PROF. DR. ADILSON NASCIMENTO DE JESUS.

CAMPINAS  
2020

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

M562p Mesquita, Luciana Maria Ricci do Valle, 1979-  
Patrimônio pessoal e experiência estética - possibilidades de um viver  
sensível / Luciana Maria Ricci do Valle Mesquita. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

Orientador: Adilson Nascimento de Jesus.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade  
de Educação.

1. Narrativas. 2. Experiência estética. 3. Educação dos sentidos. I. Jesus,  
Adilson Nascimento de, 1962-. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Personal heritage and aesthetic experience - possibilities for a  
sensible live

**Palavras-chave em inglês:**

Narratives

Aesthetic experience

Education of the senses

**Área de concentração:** Educação

**Titulação:** Mestra em Educação

**Banca examinadora:**

Adilson Nascimento de Jesus [Orientador]

Ronaldo Alexandre de Oliveira

Guilherme do Val Toledo Prado

**Data de defesa:** 12-02-2020

**Programa de Pós-Graduação:** Educação

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-4731-4392>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7702489229125686>

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**PATRIMÔNIO PESSOAL E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA -  
POSSIBILIDADES DE UM VIVER SENSÍVEL**

**LUCIANA MARIA RICCI DO VALLE MESQUITA**

**COMISSÃO JULGADORA:**

ORIENTADOR: PROF. DR. ADILSON NASCIMENTO DE JESUS  
PROF. DR. RONALDO ALEXANDRE DE OLIVEIRA  
PROF. DR. GUILHERME DO VAL TOLEDO PRADO

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

**2020**

*Com muito carinho dedico este trabalho ao meu esposo e filhos,  
Marcos Eduardo, Luís Alberto e Vitor Hugo  
(Du, Luís e Vitor).*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida e saúde concedida neste final de processo de escrita. Agradeço a todo Universo em promover encontros e reencontros e possibilitar a finalização desta escrita.

Agradeço eternamente ao meu querido e amado esposo Marcos Eduardo Ribeiro do Valle Mesquita (o Du), pelo companheirismo, participação em auxiliar com as crianças, por nossas conversas, pelo apoio e carinho de sempre, em especial, para que eu concluísse este ciclo neste momento.

Aos meus amados filhos Luís Alberto e Vitor Hugo, pela paciência, apoio em esperar a mamãe trabalhar no computador. Cada sorriso, cada momento interrompido era sinal de que ainda não os deixei de lado e que requerem também a minha atenção. Agradeço por gratuitamente, me servirem de suas energias, risadas para que eu me alegre e renasça a cada dia.

Agradeço aos meus pais e todos os meus familiares de **Caconde, Casa Branca e Ribeirão Preto** que mesmo a distância ou quando puderam estar por perto e auxiliar de alguma forma o êxito desta conclusão de escrita e de alguma forma neste processo todo meu carinho.

*Agradecimentos (in memoria), especial às bisas dos meninos, Vó Mercedes e Vó Margarida (Tita); e à Tia Terezinha (Tia Terê), que com certeza estão felizes por esta conclusão de mestrado. Luz, onde estiverem!*

***Em especial,***

À minha mãe Maria Edna, ao meu pai Jair. Ao meu irmão Julio (Julinho) e cunhada Wal. À minha sogra Ana Lúcia (D. Ana) e meu sogro Sr. Antonio Marcos (Sr. Marcos), à Etelvina (Tê) e à minha cunhada Ana Elisa (Nê) e meu cunhado Juliano (Jundi) e sobrinhas Bruna e Carla por todo apoio carinho e amor sempre. Nossos

filhos e sobrinhas, nossos amores!

Agradeço a todos os funcionários da pós-graduação pela gentileza e paciência no processo, em especial, das mudanças no segundo semestre de 2019. Em especial, a Cláudia, Tassiane, Lígia, Diego, Viviane e Nadir. Grata ao professor Dr. Antonio Carlos Amorim pelas orientações e palavras.

Agradeço a todos os professores com os quais interagi desde meu ingresso no mestrado e a todos funcionários como a Nize, a Raquel que sempre foram acolhedoras e gentis. Aos funcionários que trabalham na biblioteca que sempre me receberam com toda gentileza, Raquel, Roberta e a todos. Estendo ainda a todos que cuidam e zelam pelo prédio da Faculdade de Educação. E em especial, minha gratidão pelo sempre sorriso e acolhimento de Zilma da assistência predial.

Em especial, agradeço aos professor Ezequiel Theodoro da Silva pelas aulas e orientações na escrita da resenha com tamanho zelo e gentileza.

Ao prazer em conhecer a querida professora Márcia Strazzacappa e participar de suas aulas. Pessoa extremamente sensível!

**De Campinas:** Rosângela, Christine e Fernando, Silvia, Silvana e família, Juan e família (de outro país) Estelamares e família (Estela), Dinda, Aleide e família, Alani e familiares, Edna e família, Nice, Marilanda, Teka e família, Raquel e família, Rosana e família, Marinilza (Mari) e família, Patrícia e família (mãe do Gabi), Carol e família (mãe do Vitor), Priscila Valério e família, Cecília, Juliana e família (mãe do José), Cristiana e esposo, Ju e Carol (minhas professoras do Pilates da FEF), Amanda e família, Anna Paula e família, Ana Flávia e família, Cassandra e família, Ju e família, Marlene e família, Valéria e Ângelo, Cris e família (mãe da Manu), Laura e família, Ana Salvagni e família, Isabel Puga e família (querida ex-vizinha), Aline Puga e família (que sempre me fez sorrir), às médicas Dra. Mariana, Dra. Helaine, Dra. Denise, Dra. Maria Carolina, Dra. Patrícia e Dra. Kátia, Zilma, Renata e família

(Aguai), Edgar e Simone pela atenção e gentileza sempre, à Isa e família ( que era da cantina FE ), Renata e Peter, Damaris e família, ao Sr Paulo Sakanaka e família, Kazuko e família, Daniel Salvi e família, Jorge Braz, Suiara e família, Claudia e família, Letícia Frutuoso e família, Emilliana e família, Rafael e família, Heloísa (Helo) e família (pelo nosso reencontro e contato sensível recente), Evelyn e família, Marli Archanjo e família (amiga e querida cabeleireira minha e dos meninos), aos novos amigos queridos e estimados da escola Curumim, Marli Gomes e família (da cantina), Anita, Glaucia, Heloísa, Renata, Tatiane, Kátia, Andreia, Tihelen, Sr Machado e Sr. Norival e seus familiares. Aos professores dos meninos (Luciana, Eli, Tuco, Isa e equipe toda) mais recentes, bem como os professores dos meninos na época da creche da Dedic Unicamp a todos que permaneceram na amizade e torcida sempre neste processo (é uma galera que mora no coração). Márcia e família, Débora e família, Ju e família, Marlene e família, Valéria e Ângelo, Ju e familiares, Cris e familiares, Nize, Nima, Débora e família, Renata e Peter, Damaris e família, Lâecio e família, João Frederico e familiares (Joni), Raquel e família, Beatriz Bassi (filha da D. Ivete), Rosalina e familiares, Márcia e família, Padre Américo, Padre Arnaldo, Padre João Batista e estendo aos amigos que conheci a pouco tempo e que aprendi muito ao ouvi-los no grupo de estudos com o professor Adilson, são eles: Hilka, Carol Bastos e família, Luís, Marcos (Mestre Biro), Beatriz (Bia), Ineke e Cláudia Teixeira.

**De São João da Boa Vista:** Jaque e família, Débora e família, Kávyla, David, Matheus, Hernani, D. Vera, Antonio, D. Teresa, Pedro Conti, Joana (em outro país), Maíra e família (em outro país), Silvia Borges, (em outra cidade agora), Aida, Luciane, Silvia Ferrante, Célia Bertoldo, Célia Salvi, Priscila Vanzela e Marisa, Priscila Redher e família, Vera, David e Matheus entre outros.

**De São José do Rio Pardo:** Ângela e família.



**De Londrina.** Patricia Freitas (minha querida amiga Pat) e família, que continuamos sempre em diálogo desde a graduação, Lourides Francisconi (por toda as trocas de ideias), Ilídia e família (amiga vizinha do coração), Luci e família, Adriana e Robinson, Odete e familiares, Vergínia e família, Tania e família, D. Joana, Sr. Dercílio, D. Ana, Elo e família, Mirian e família, a Cláudia e família (que mudou de Londrina), Rafael e família. As professoras Marta Fávaro, Sandra Oliveira, Sandra Leite, Marleide, Eliane Cleide, Carla Galvão (Caju), Ana e Adriana entre tantos outros que participaram de minha formação.

À querida Giovana Umbuzeiro Valent (Gi) e família, minha revisora que sempre teve a gentileza e o cuidado para comigo. Sem sua revisão este trabalho também não poderia estar concluído. Amizade e gratidão eterna.

***Grata sempre,***

À professora Dra. Regina Célia Alegro por estar sempre presente de maneira mega sensível. Vi seu profissionalismo e coração sempre conectados em vislumbrar o mundo repleto de respeito e amor.

Ao estimado professor Dr. João Francisco Duarte Júnior e Mary, que tive o prazer de conhecê-los pessoalmente, vizinhar com eles e por me ouvirem sempre, pelos diálogos e aprendizados que ficaram marcados para sempre em minha alma. Gratidão.

Ao Nilton Campos, por estes anos de amizade, conversas e gentileza sempre. Grata por toda atenção que me foi dada nestes últimos meses. Estendo a toda equipe do Museu de Artes de Ribeirão Preto (MARP), em especial Maria Inês pela lembrança do nosso primeiro encontro e acolhida sempre, Sr Ailton, Adriana, Regina, Maria Antônia e família, Sérgio e familiares.

**Os meus eternos agradecimentos,**

À professora Dra. Cleonice Aparecida de Souza, por aceitar ser uma das suplentes de minha banca. Agradeço por todas as conversas e orientações também. Pessoa maravilhosa!

À professora Dra. Ana Luiza Bustamante Smolka, também por aceitar ser uma das suplentes e pela sua gentileza sempre para comigo. Grata.

Ao estimado professor Dr. Ronaldo Alexandre de Oliveira, minha eterna gratidão por toda participação, orientação, presença, amizade e sensibilidade. Muito feliz e grata pela sua presença!

Ao estimado professor Guilherme do Val Toledo Prado, minha eterna gratidão por me ouvir, tentar me compreender, amizade e sensibilidade. Muito honrada e feliz por sua presença sempre!

Ao estimado professor-orientador Adilson Nascimento de Jesus, minha eterna gratidão, gratidão, gratidão. Me ouvir, aceitar-me num período próximo para qualificar foi de uma generosidade tão grande que não deve caber mesmo neste universo. Não cabe. Agradeço por me permitir as oportunidades e as transformações que não foram poucas. Agradeço por todo aprendizado.

**A todos os meus amigos e amigas** que não foram nomeados aqui, mas, que perpassaram por minha constituição enquanto ser humana e que torceram por mim e acreditaram na conclusão deste trabalho.

**Agradeço e afirmo que**, a partir de 2018, "o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

*“Nunca, jamais desanimeis embora venham ventos contrários.”  
(Madre Paulina)*

*“ A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para  
assumirmos a responsabilidade por ele.”  
(Hannah Arendt)*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como proposta investigar algumas experiências vivenciadas desde a infância até os dias de hoje como experiências mediadoras resultantes na experiência estética. São 40 anos e algumas seleções de narrativas e análises. Desta maneira, neste exercício da pesquisa investigativa narrativa a escrita aponta situações, experiências e sentidos que criam marcas na mente e na alma do ser humano e possibilitam escritos sensíveis a cada circunstância lembrada. São reflexões que abrangem os campos da educação, arte, história e que possibilitam, a partir das experiências estéticas, a busca de ser uma pessoa ou professora mais sensível. Esse trabalho está baseado em autores como Prado et al, Santos, Coli, Vygotsky, Schiller e Duarte Jr., entre outros, que instigam a preservação do diálogo, o exercício de contar a história vivenciada, à reflexão e à ação, a necessidade de reavivar os sentidos e a humanização na sociedade vigente.

**Palavras-chave:** Narrativas. Experiência estética. Educação dos sentidos.

## **ABSTRACT**

This research aims to investigate some experiences from childhood to the present day as mediating experiences resulting in the aesthetic experience. It has been 40 years and some selections of narratives and analyzes. In this exercise of investigative narrative research, the writing points out situations, experiences, and meanings which create marks in the mind and soul of the human being and enable writings which are sensitive to each remembered circumstance. These are reflections that encompass the fields of education, art, history, and they enable, from aesthetic experiences, the search to be a more sensible person or teacher. This work is based on authors such as Prado et al, Santos, Coli, Vygotsky, Schiller, and Duarte Jr., among others, who instigate the preservation of dialogue, the exercise of telling lived history, reflection and action, the need to revive the senses, humanization in current society. Therefore, they are authors who provide means for a dialogue about the aesthetic experience between the fields of art, education and history.

**Keywords:** Narratives. Aesthetic experience. Education of the senses.

## SUMÁRIO

Introdução.....	17
O processo.....	19
Qual é o tempo que tenho?.....	25

### **1. As narrativas**

#### ***Nasci em...***

1979	
1980	
1981	
1982	1.1 A palhaça.....26
1983	
1984	
1985	
1986	
1987	1.2 A lousa e o caqui.....28
1988	1.3 D. Ivete minha professora da 2ª e 3ª séries.....31
1989	
1990	
1991	
1992	1.4 Semana Guiomar Novaes.....38
1993	1.5 Escola .....39
1994	
1995	
1996	
1997	

1998	1.6 Vestibulares.....	40
1999		
2000	1.7 As bonecas.....	41
2001	1.8 Faculdade de Administração de Empresas e trabalhos.....	42
2002	1.9 Núcleo Experimental Teatro de Tábuas- NETT.....	45
2003	1. 10 MARP- Museu de Arte de Ribeirão Preto Pedro Manuel- Gismondi e Casa da Cultura.....	48
	1.11 Os tijolos.....	50
2004	1.12 Itumbiara.....	53
	1.13 <i>De volta para São João da Boa Vista- reencontros</i> .....	54
2005		
2006	1.15 Campinas.....	56
2007	1.16 Estudos e dança.....	57
2008		
2009		
2010	1.17 UEL- Universidade Estadual de Londrina.....	58
2011		
2012	1.18 Maternidade e especialização.....	60
2013		
2014	1.19 Campinas- encontros e reencontros.....	63
2015	1.20 Maternidade e trabalho.....	64
2016	<b>Vida</b> .....	66
2017		
2018	<b>2. A sensível experiência: alguns registros e reflexões</b> .....	69
2019	<b>3. O estar e o sentir em si mesmo e nos lugares</b> .....	85
	<b>4. Algumas considerações</b> .....	90
2020	<b>Agradeço</b> .....	99

**Referências.....101**



## Introdução

Quando penso em sentidos, lembro-me da tese de doutoramento de Duarte Júnior (2000) e da importância de o professor Ronaldo tê-lo apresentado a mim. Em experiências anteriores à Universidade, trabalhando em comércio, indústria, teatro e museu, relatei-me com pessoas que me motivaram a continuar minha formação. Quando consegui ingressar na Universidade, percebi que teoria e prática são fundamentais e não se dissociam uma da outra. Assim, acredito que a escola, a Universidade, o museu são alguns destes lugares que possibilitam meios para ampliar o desenvolvimento humano, pois nos garantem o direito ao diálogo e à reflexão. O direito de ser livre para pensar e dar voz ao ser humano. É nesses lugares que o homem, enquanto professores e mediadores viabilizam o acesso ao conhecimento e instigam criações humanas. Por isso, nestes escritos – como iniciante pesquisadora sob o âmbito desafiador das narrativas – apresento um pouco de minhas experiências como mediadoras de uma experiência estética. Em diálogo com meu orientador Adilson, entendemos que essas experiências são um ‘patrimônio pessoal’. Desta maneira, este ‘patrimônio pessoal’ aqui compreendido como experiências sensíveis que se materializam nestes escritos, que são vividas e que deixaram marcas. Marcas, na alma e que neste caso, são as experiências pessoais. Há na literatura sobre identidade, mas, não é o que trataremos conceitualmente falando de um pesquisa distanciada, em que o pesquisador no exercício de colocar os pensamentos em papel ou computador, se distancia do se eu colocando um outro eu no meio deste processo. Esta pesquisa investigativa narrativa dilui esta barreira, este muro, e coloca o eu direto com meu eu que direciona também para o seu eu, suas experiências. Há embasamento teórico, não são ‘apenas historinhas’ e admiro a todos que se expõe e dão a cara à tapa, como muitos professores que fizeram parte de minha formação. Quem quiser questionar algo, refletir e saber mais como numa relação dialógica como Paulo Freire propõe venha por favor, até a mim. Estarei sempre pronta a trocar ideias e aprender mais.

Dito isto, inicio a escrita no intitulado **‘O processo’**, dada a importância que ele teve neste trabalho, em continuidade escrevo sobre **‘O tempo que tenho’**. Reflexões sobre uma realidade que foi minha e, embora diferente da sua, talvez você se encontre e se identifique com algo que eu disser, ou melhor, escrever.

No **primeiro capítulo**, narro em torno de 20 histórias, na investigação procuro

refletir sobre elas e reflito e como as percebo enquanto mediadoras de possíveis experiências estéticas.

Em seguida, em '**Vida**', falo de uma experiência mais recente, que trata de amor, tempo e educação e sobretudo sobre a própria vida.

No **segundo capítulo**, em '*A sensível experiência: registros e reflexões*', discuto sobre as questões de experiência dialogando com a viagem ao Rio de Janeiro.

No **terceiro capítulo**, em '*O estar e sentir em si mesmo e nos lugares*' apresento algumas reflexões das experiências em contato com o mundo a partir das interações e diálogos. Por fim, nesta pesquisa, no **quarto capítulo**, dou continuidade ao capítulo anterior e teço '**Algumas considerações**' que acredito relevantes para a vida, na tentativa de refletir acerca do que foi escrito ou 'dito' e de potencializar a sensibilidade humana. E, por fim, coloco um texto intitulado '**Agradeço**' que escrevi neste percurso quase final, acreditando que o ato de agradecer deveria estar para além do espaço para os agradecimentos, e finalmente, os autores que foram referenciados neste texto neste processo de estudos para a construção desta pesquisa.

## ***O processo***

Gostaria de deixar aqui registrado o processo final, recente deste trabalho de dissertação.

Foi um segundo semestre de 2019 repleto de decisões e emoções. Agosto para Setembro mudança de orientação deste mestrado.

Nos meus escritos um sinal de transformação, meu encontro com a borboleta ou o encontro dela comigo, um pequeno sinal de mudança na escrita. Foi assim...

### ***A história da Borboleta - 06 de Setembro de 2019***



**Fig 1.** *Momento poético registrado na Faculdade de Educação Unicamp.  
Arquivo pessoal de Luciana Mesquita.*

Era quase onze e meia da manhã. Tinha acabado de sair da biblioteca da Faculdade de Educação com o livro de Clarice Lispector “A descoberta do mundo”, me sentei perto do guarda-volumes e comecei a folhear o livro ali mesmo. De repente, um negócio voando para minha cabeça. Que susto!!!

– O que que é isso? Era uma borboleta gigante. Marrom por fora, parecendo um olho e, por dentro, azul. Linda. Linda demais. Levantei e tentei espantá-la pelo corredor para encontrar a saída. Sentei novamente a saborear a leitura da Clarice e, de repente, a borboleta voltou e pousou no meu braço. Pensei: não acredito. Daí alguns jovens que estavam por perto do guarda-volumes, na entrada da biblioteca comentaram a presença dela e eu falei meio receosa:

– Está no meu braço!

Um dos jovens respondeu:

– É sorte!!! – eu sorri e achei ótimo o comentário, estava precisando mesmo de **sorte!** – Bom, adoro borboletas, mas não entendo e não conheço muito. Como fazer para levá-la para fora do prédio?

Tentamos, todos que estavam ali, guiar a borboleta para fora num dos jardins que dão para a entrada do prédio. Depois, na volta, estava atrás de duas moças que ajudaram falando com uma outra moça em LIBRAS. Amei! Rendeu... rendeu tanto... que fui pesquisar se traz sorte mesmo a tal borboleta. Li um pouco sobre encarnação. Quem sabe era Clarice! E por que não? Veio falar um “oi”. (Ri dos meus pensamentos, mas, gostei deles também).

Deste jeito de escrever e tentar narrar... fiquei com vontade desde o dia que abri o livro da autora. E olhe, cara leitora ou leitor, adivinhem o que encontrei nesta semana do dia 16 de setembro?! Partilho esta alegria com você. Muitas coincidências. Muitas transformações no processo.

“AS TRÊS EXPERIÊNCIAS (11 de Maio de 1968)

Há três coisas para as quais eu nasci e para as quais eu dou minha vida. Nasci para amar os outros, nasci para escrever, e nasci para criar meus filhos. O “amar os outros” é tão vasto que inclui até perdão para mim mesma, com o que sobra. As três coisas são tão importantes que minha vida é curta para tanto. Tenho que me apressar, o tempo urge. Não posso

perder um minuto de tempo que faz minha vida. Amar os outros é a única salvação individual que conheço: ninguém estará perdido se der amor e às vezes receber amor em troca. [...] Quanto a meus filhos, o nascimento deles não foi casual. Eu quis ser mãe. Meus dois filhos foram gerados voluntariamente. Os dois meninos estão aqui, ao meu lado. Eu me orgulho deles, eu me renovo neles, eu acompanho seus sofrimentos e angústias, eu lhes dou o que é possível dar.[...]

Espero em Deus não viver do passado. Ter sempre o tempo presente e, mesmo ilusório, ter algo no futuro.

O tempo corre, o tempo é curto: preciso me apressar, mas ao mesmo tempo viver como se esta minha vida fosse eterna.[...] Eu queria que houvesse encarnação: que eu renascesse depois de morta e desse minha alma viva para uma pessoa nova. Eu queria, no entanto, um aviso. Se é verdade que existe reencarnação, a vida que levo agora não é propriamente minha: uma alma me foi dada ao corpo. Eu quero renascer sempre. E na próxima encarnação vou ler meus livros como uma leitora comum e interessada, e não saberei que nesta encarnação fui eu que os escrevi.

Está-me faltando um aviso, um sinal. Virá como intuição? Virá ao abrir um livro? Virá esse sinal quando eu estiver ouvindo música? Uma das coisas mais solitárias que eu conheço é não ter a premonição. (LISPECTOR, 1999, p.101 e p.102)



**Figura 2.** Desenho: *Luciana Mesquita*

(olhando uma imagem na internet)

dos professores, fui ouvindo as gravações e lendo aos poucos o livro “A volta do filho pródigo: um retorno para casa”, enquanto tentava refletir às ações, pensar em como **transformar** o texto. Escrevi o que os professores disseram na minha agenda. Li, ouvi, reli e de vez em quando, os ouço novamente.

Tentei seguir algumas dicas ou sugestões de como iniciar, e ao mesmo tempo comecei a gravar algumas histórias. No começo parecia como se estivesse enferrujada, ou, como exemplo, como se eu não andasse de bicicleta há tempos. Não sabia como escrever. Fiquei aflita. Chorei muito. Sorria também. Conversei com o Du (meu esposo). Conversei com amigos. De repente, num dia desses, imersa em casa, no silêncio e mergulhada no trabalho de memórias memorizadas. O Du tinha saído com as crianças. Lembrei-me que tinha muitas agendas. E, nelas, eu escrevia antes de entrar na Universidade.

Fui olhando algumas delas e percebi que minha escrita era mais solta, mais livre. O jeito era diferente. Então, conclui que na universidade, embora eu seja muito grata pela formação, acabei me apropriando de uma forma de escrita em que não mais estava tão livre.

Ao mesmo tempo, o tempo, as mudanças deste semestre repleto de transformações trouxeram-me a possibilidade de uma nova escrita, um novo estilo, para a pesquisa investigativa narrativa, em que posso trazer minha voz e me posicionar de alguma forma neste mundo. Que alegria pensar nisso. No teatro, eu me desconstruo para construir uma nova personagem. Aconteceu novamente, com a escrita. Passei pela aflição. Alegria e aflição. Alegria por saber que o trabalho ficaria muito legal e aflição por saber que o tempo é curto. Curtíssimo. Estava lutando contra o tempo e veio a exaustão. E com a exaustão, veio a criação. Para extrair do meu ser o que estava formatado um pouco de mim, do meu eu, um pouco da minha história de vida até aqui, em forma do signo, da escrita.

A pesquisa narrativa se tornou algo novo e desafiador no movimento do pesquisador se colocar e se mostrar para o outro

[...] abriram-se muitos caminhos que questionam a ideia de que há somente uma maneira de se ‘fazer pesquisa’, e que esta é a chamada ‘pesquisa científica’. Da mesma maneira se debate que haja somente um processo de escrita para realizá-la – aquele no qual o pesquisador desaparece do texto para oferecer uma ilusão de objetividade.[...] Fernando Hernández (2017, p.51) cita (GREEN; CAMILLA; ELMOREI,

2006)

Desta maneira, gostaria ainda de partilhar deste processo, lembranças de cadernos da minha infância que não faz muito tempo me foram entregues pela minha mãe. Ela me disse:

– Vai que você precisa.

“Então, mamãe, eu os olhei nesta mesma tarde” (respondo daqui agradecida em pensamentos). Um dos caderninhos são registros desde quando eu tinha quase 3 anos e os outros são da segunda série de quando a D. Ivete foi minha professora. Eu até tirei foto e enviei para uma das filhas da D. Ivete (a Maria Beatriz). Ela ficou emocionada ao receber foto e mensagem.

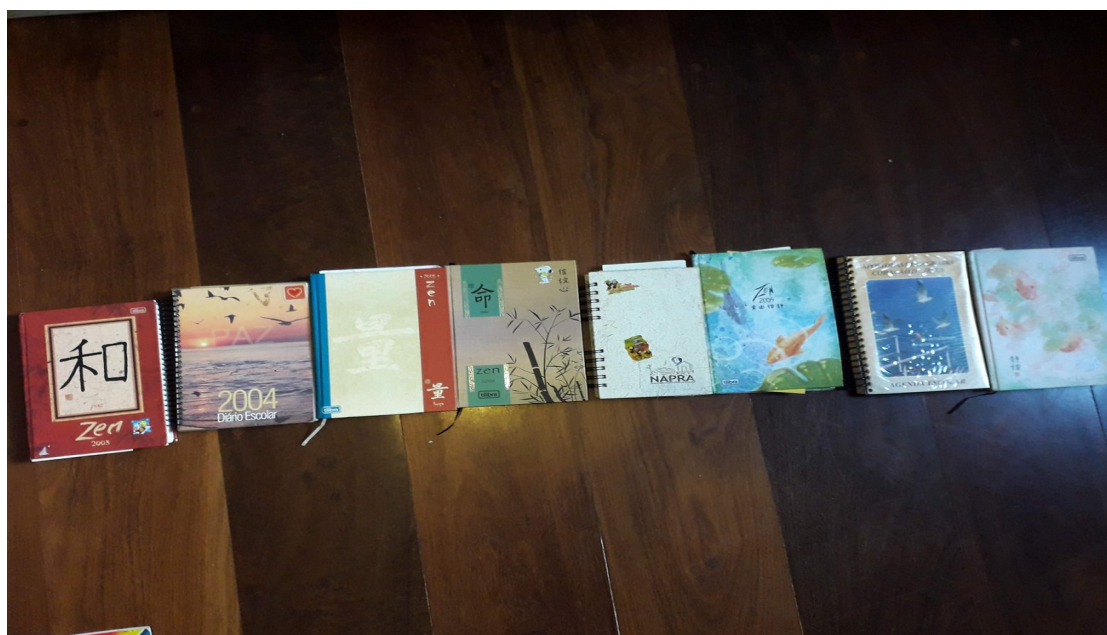
As agendas, os cadernos, o reencontro com meus registros e reencontro com alguns amigos mencionados neste trabalho pessoalmente ou via Internet. Conversei com eles, para ficar a vontade em mencionar seus nomes. As imagens, aparecerão durante outras experiências narradas. Ainda sobre à perspectiva desta pesquisa investigativa e concluir este início de introdução nestes escritos, faço uso das palavras de Fernando Hernández

[...] Desde que Bruner (1990) sugeriu que nós, seres humanos, nos construímos e construímos a realidade por meio de relatos, uma fecunda linha de indagação situada sob o guarda-chuva da perspectiva narrativa de investigação (CONELLY; CLANDININ, 1995) tem enfatizado a necessidade de colocar em relação as posições do pesquisador ou pesquisadores com o que acontece na pesquisa. Esta é considerada uma estratégia que permite revelar a trama de relações que possibilita a pesquisa.[...] (2017, p.51)

Compreendi na fala deste autor a possibilidade de construirmos ‘tramas’, relações, de acordo com o que estamos apontando no trabalho. No caso, me coloco nele com minhas experiências narradas e estas proporcionaram uma experiência estética no meu processo de desenvolvimento humano. Percebi que em minhas agendas, eu escrevia livremente, ou copiava textos que gostava, mas, não entrarei em detalhes sobre estes escritos neste momento, neste tempo.

O processo foi intenso a fusão da emoção com a razão. O corpo responde. Não foi simples e nem fácil. Vi meus cabelos caindo ao montes. O resultado? Não ficou imenso em páginas não, mas, foi realizado com muita vontade de cumprir o que me foi ofertado de um ensino público, dentro do limite do tempo e transformações que

ocorreram. Acredito que isso, mostra muito mais do que respeito para quem confiou em mim e acreditou. Foi realizado com minha alma e com amor e dedicação. Um presente que me foi dado no processo final de mestrado, o ato de investigar um pouco de minhas próprias experiências.



**Figura 3. As agendas.** Arquivo pessoal: Luciana Mesquita



## Qual o tempo que tenho?

Hoje vivo num tempo tão diferente da minha infância. Lá era tudo tão grande e o tempo tão diferente. Agora o coração se divide em vários tempos, a razão impõe outros e meu corpo às vezes não entende essas mudanças tão rápidas. O corpo dói às vezes. Juro que agora gostaria de ter um ano a mais para escrever. Vivo em um núcleo familiar em que todos estão navegando juntos e cooperativamente. Vejo o tempo passar pelas crianças que tenho. Elas não tem a paciência que é apreendida a duras penas e mesmo assim não garantida depois de anos vividos. Depende de outros fatores e experiências anteriores, meditação, autoavaliação constante, arrependimento e também agradecimentos à vida. Pelo que foi bom e o que virá e o que foi ruim, algo bom podemos levar. E o tempo? Não sei quanto tempo eu tenho, mas, desejo cumprir o que a vida pede e o que o coração agradece.

Pesquisar no sentido de refletir as próprias experiências e tentar, em meio a esta sociedade na qual algumas pessoas não possuem paciência e outras se desdobram a auxiliar as outras, é um desafio. Estudar é um desafio. Escrever é um desafio. Pesquisar é um desafio. Quem não gosta de desafios ou não tem interesse real pelo outro ser humano não irá valorizar a educação, por não compreender, sentir ou perceber a essência que a educação pode promover.

A questão do tempo deveria ser algo primordial no desenvolvimento do ser humano. Do sentido do tempo. De modo a não fragmentar este tempo.

Ao mergulhar neste tempo me apropriei da pesquisa investigativa narrativa em que, Castañeda et al (p. 84) nos ampara citando (ALTHEIT; DAUSIEN, 2007, p.49) que é a 'capacidade do sujeito reelaborar a experiência vivida'. O ser humano completo como um todo que precisa do outro para tudo ou quase tudo e depende de uma equipe para acontecer. Não escrevi este trabalho sozinha. Eu não tenho vida sozinha. O professor Ronaldo falou "deste lugar que nasço a cada dia" e, realmente, parece que devemos renascer a cada momento. Demanda força, energia, equipe e compreensão. A liberdade e a capacidade de escolha dependem de crescermos livres para escolher e isto é apreendido ao nosso redor. Vygotsky trata bem disto. A experiência de ser livre só se dá quando somos livres de fato, quando podemos escrever o que sentimos e acreditamos, e a isto sou grata agora, finalizando o mestrado em 2020.

## **1. Nasci em...**

*Entre 1979 e 1985.*

### **1.1 A palhaça**

Tinha cheiro de terra molhada. Tinha cheiro de chuva. Era um quintal de terra. Era um quintal grande com várias árvores frutíferas: tinha um abacateiro, uma mangueira, um caquizeiro, uma laranjeira, um limoeiro, tinha uma amoreira na cerca que dava na casa do vizinho de cima e outras plantas das quais não lembro o nome. Eu tinha uns cinco de anos de idade e estava perto de ir para o pré.

Morava longe da escola, mas algumas vezes íamos a pé. Metade do caminho era de terra, metade de asfalto. A ida para a escola era uma descida, a gente andava e andava e depois subia e subia até dar de cara com o grande prédio da E.E. Dr. Thomas de Carvalho em Casa Branca, interior de São Paulo. Eu estudava numa escola menor localizada próxima deste grande prédio.

Lembro que peguei catapora, fiquei um tempo sem frequentar as aulas e senti saudades. É meio confuso este tempo, parece que as histórias se misturam como uma caixa de lantejoulas coloridas... uma vez, eu me vesti de palhaça. Era uma fantasia que já tinha em casa, meu irmão já a havia usado. Foi nesta pré-escola a primeira vez que me apresentei como palhaça. Fiz uma cambalhota e uma careta. Essa foi minha primeira apresentação. Meu primeiro contato com o palco. Meu primeiro contato comigo e com o outro.

Seguindo com esta narrativa, volto a falar no tempo presente proporcionando a reflexão destes fragmentos passados. Rememorar a infância é realizar um resgate da

minha pessoa, e esta já é uma primeira experiência estética. Um desafio. Vários, aliás. A pesquisa narrativa como possibilidade de apresentar o mergulho em um eu interior para outras pessoas mergulharem com um olhar profundo. São histórias de vida. Histórias que permeiam o desenvolvimento humano em toda a sua plenitude.

Sou iniciante desta pesquisa narrativa que vou descobrindo pouco a pouco ser maravilhosa e me sinto honrada de ter a possibilidade de tentar. Então, olho para esse esforço como mais um aprendizado de uma pesquisadora e suponho que de muitas pessoas. As palavras num processo de criação são singulares. Há a “possibilidade de produzir conhecimento novo no próprio acontecimento da escrita, pelo sujeito singular e responsivo, ao fazer pesquisa” (Prezotto et al, 2015, p.15).

Todavia as palavras não brotam num passe de mágica, embora muitas vezes eu tenha desejado que elas surgissem assim. Com certa decepção, descobri que foi em vão o meu desejo. Elas não vinham. Mas tive excelentes professores e professoras nesta minha caminhada desde criança e isso faz uma diferença na vida da gente, em especial no quesito sensibilidade.

A generosidade e a simplicidade das pessoas me cativam muito e estar aqui escrevendo, reconstruindo e construindo este texto é extremamente esquisito. Digo esquisito, porque é para além de difícil. Eu tinha escrito um outro texto, no qual eu não aparecia muito... nele, a Luciana não falava muito. Tentava falar por meio de todos os outros autores – que me ajudaram e ainda me auxiliam a refletir sempre – mas, com esta nova oportunidade de desbravar a escrita, a memória das experiências descritas fluiu com mais suavidade. Agora, mais claramente, apareço e me coloco no texto.

O tempo não para e proporciona o olhar que tenho agora, aos 40 anos. Esse processo contínuo me leva a valorizar como experiência de vida aquela casa no Bairro Santa Cecília onde morávamos eu e minha família, na cidade de Casa Branca. Fomos presenteados com a possibilidade de contato com a natureza, com a simplicidade e o silêncio necessários para reflexão e autoconhecimento.

Você já sentiu o cheiro de terra molhada da chuva? O ato de caminhar e caminhar com alguém, então, provoca o diálogo seja ele com ruído, seja ele silencioso. Quanto, me pergunto hoje, eu não deveria ter aprendido nestas caminhadas para a escola? Com meu pai ou meu irmão. Eu não me lembro direito. São lembranças bem fragmentadas. Estar assim reflexiva me faz compreender que quando eu era criança tudo parecia enorme, e só descobri isto depois de adulta. Voltava pra casa ou espaço que achava grande e não era tanto assim. Mas o prédio da escola ao lado da pré-escola era grande e continua lá, firme e forte.

Ao retomar a experiência de ser uma palhaça, nossa, é uma lembrança carinhosa em tempos que o tempo enquanto eu era criança, era viver a infância. Participar de um evento na escola deve ter sido mágico, maravilhoso, divertido, algo gostoso. Às vezes, esses momentos voltam à memória como se envoltos numa névoa. Quando vejo as crianças brincarem, desperto para o tempo em que “fazer de conta” era algo atrativo e delicioso. Então percebo o quanto é difíceis rememorá-los e exprimi-los somente com as palavras. O bom é mergulhar e entrar na fantasia, se vestir, mesmo que sem roupa física, e abraçar a ideia. O contato comigo, com meu *eu* guardado lá dentro e tão perto, e com o outro é o olhar. Olhar para além dos olhos.

*Entre 1986 e 1990.*

## **1.2 A lousa e o caqui**

Entrei na primeira série com seis anos, faria sete em junho do mesmo ano. Além da escola ser grande, imponente, na sala de aula tudo era muito grande aos meus olhos. A lousa era grande. As cadeiras grudadas em fileiras. Não tinha a mobilidade que hoje muitas escolas possuem. Eu não sentava muito à frente neste dia e não me lembro se costumava fazer isso. O nome da professora era Cárin. Ela era jovem e carinhosa. Lembro-me de um dia em que ela escreveu algo na lousa e pediu para que copiássemos,

mas, parece-me que era para esperar um pouco. E a partir deste momento, lembro-me que copiava correndo. Tinha pressa de copiar. Penso hoje, que era por ter havia aprendido as letras, com “cartilha” em casa com minha mãe. Bom, mais ou menos em casa. Esclareço:

Um belo dia, entre 1984 e 1985, não sei se era tarde ou se era dia. Tinha um caquizeiro lindo em nosso quintal. Minha mãe e eu fomos lá perto dele. Então, ela abriu a escada, daquelas azuis antigas, no chão de terra. E eu ao lado. Ela foi subindo, subindo, pra pegar o caqui mais bonito... e, de repente, gritou:

– A escada vai cair! – me avisando, com o instinto de mãe protetora. Ela voou longe e eu vi o pé virar para o outro lado. Foi horrível!

Sabem o que eu fiz? Saí chorando pela rua gritando que minha mãe tinha quebrado a perna. Tamanho foi o susto, que falei perna ao invés de pé. Meu irmão estava dentro de casa e saiu apavorado pra tentar auxiliar. Meu pai não estava em casa, estava trabalhando. As vizinhas queriam ajudar, mas tínhamos uma cachorra Doberman chamada Princesa e ela colocava um pouco de medo nas pessoas. Na época, a mulherada criou coragem e entrou no quintal, retiraram a minha mãe do chão, a colocaram sentada numa cadeira. Minha mãe com dor, claro.

Para resumir, fomos parar em Ribeirão Preto, lugar em que minha mãe tratou do pé, e por isso, ficamos na casa de parentes, dos primos da minha mãe. Tornozelo quebrado, pino... meses para recuperar. Foi aí que minha mãe me ensinou a codificação das letras. Então, quando vi a lousa, a letra, algumas palavras já não eram novidade, pelo menos não naquele momento. Eu tinha que buscar motivação. Imagino hoje que copiar era uma brincadeira. Naquele momento copiar era divertido.

Quando lembro de como fui aprender as letras antes de adentrar ao espaço formal, percebo que o próprio desenvolvimento do curso de Pedagogia iniciado em 2008 auxiliou-me a refletir acerca da minha alfabetização:

“Da família à comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios do aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos. (BRANDÃO, 1981, p.10).

Não tenho intenção de entrar nesta discussão, mas, posso afirmar que a circunstância ou incidente que ocorreu foi algo que proporcionou e mediou o tempo para que ocorresse também aquele ensino adiantado. Eu tinha um caderninho desde a época em que meus pais me colocaram num Jardim. Não faz muito tempo, minha mãe me entregou este caderninho. Vejo-me neste caderno bem pequena, com quase 5 anos, desenhando letras, imagens e números.



**Figura 4.** Caderninho (10,5 cm x 14,5 cm)

Arquivo pessoal: Luciana Mesquita

*Entre 1986 e 1990.*

### **1.3 D. Ivete, minha professora da 2ª e 3ª séries**

Em outra cidade, em outra escola. De Casa Branca para São João da Boa Vista, cidades interioranas do estado de São Paulo. Mudanças. Novos amigos, novos colegas. Morávamos em casa alugada, vizinha da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Domingos Theodoro de Oliveira Azevedo – conhecida como Ginásinho.

Nossa casa não tinha mais o quintal grande e cheio de terra. Era um quintal cimentado. Tinha um pequeno jardim na frente e um outro meio escondido ao lado da garagem, num canto da casa. A escola também não era tão grande se comparada à escola estadual em que estudei no começo da primeira série e boa parte dela. Nós, minha família naquele momento, nos adaptávamos à mudança de casa e cidade. Era meu final de primeira série, e quase final de ano de 1986.

No ano de 1987 chegou a minha segunda série. Eu faria 8 anos em junho. Fui privilegiada por ter a mesma professora na segunda e na terceira séries. Seu nome, Ivete. Inesquecível D. Ivete. Lembro-me muito dela e a guardo com carinho na memória. Fazia campeonatos de leitura em voz alta em sala de aula. Ganhávamos um caderninho. Eu adorava ler. Não lembro de ter sido a primeira nos campeonatos, mas gostava de participar. Ela fazia aniversário um dia depois de mim. Eu não compreendia essa ideia: como ela havia nascido um dia depois de mim e era mais velha do que eu? Como isto era possível? Na minha casa eu era a mais nova e nascia depois de todo mundo?

Visitei D. Ivete depois de muitos e muitos anos junto com meu esposo e um de nossos filhos, entre 2013 e 2014. Viajamos de Campinas para São João da Boa Vista. Encontrei o mesmo rostinho, cabelos louros, uma senhora professora firme e dócil. Lembro-me dos seus olhos se enchendo de água ao nos receber no portão. Ficamos todos emocionados. Conversamos muito e rememoramos aqueles anos de 1987 e 1988. Ela partiu no ano passado. Saudades... e a certeza de que permanece sua luz.



**Figura 5.** Meus cadernos da 2ª série - 1987

*Arquivo pessoal: Luciana Mesquita*

Cada vez que consigo um tempo para rememorar, escrever algumas destas experiências, tenho a impressão de que estou mergulhando num buraco infinito. Buraco de infinita mudança e transformação.

Mudança sempre é algo muito complexo e que dá trabalho. Todas as mudanças são assim. Estou aqui tecendo um novo texto e fazendo analogias com as mudanças que fiz na vida: de casa, de trabalhos... Enfim, parece-me que as mudanças também são experiências que podem ser e são transformadoras para as pessoas. Tudo pode ser visto pelo lado bom ou ruim. Certa vez, li em algum lugar que era interessante deixar registrado as coisas boas, ou melhor, as alegrias, eu entendi assim, interpretei desta forma. Então, ao aceitar os caminhos de mudança deste trabalho também pude escolher alguns caminhos a serem seguidos, e é claro que nas leituras dos autores escritores busquei minhas inspirações.

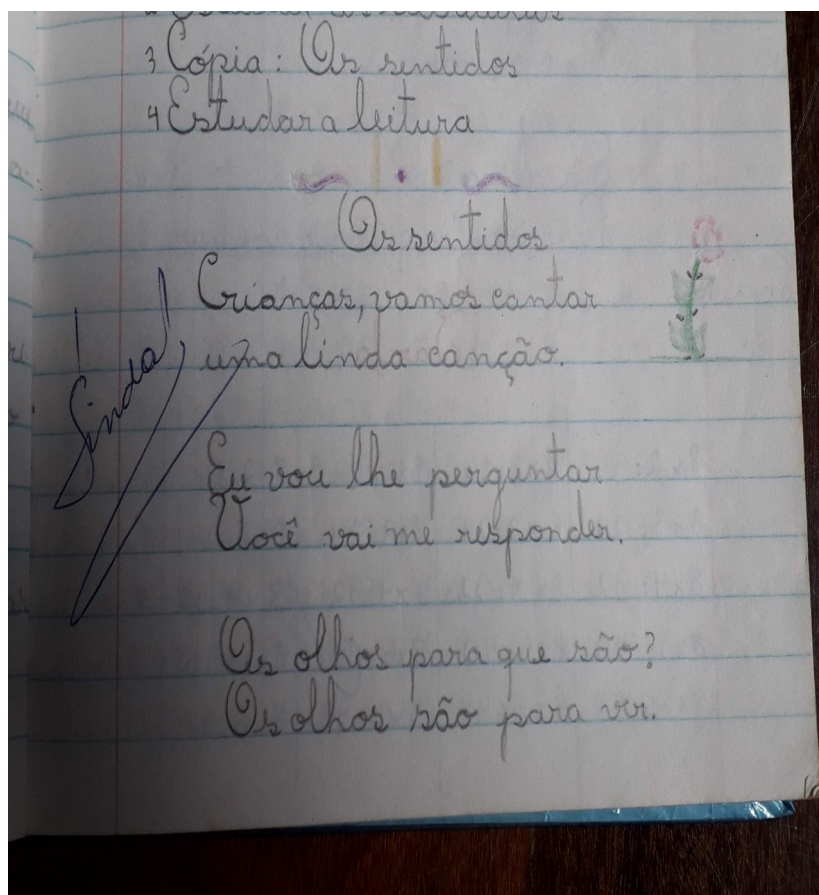
Ao escrever “Ensinar a alegria”, Rubem Alves invoca a alegria do professor e dialoga com um poema de Rückert sobre a importâncias dos dias e algumas alegrias como ver “uma planta nascendo, ensinando uma criança e escrevendo um livrinho”. E daí



discorre sobre a beleza entrando na filosofia de Nietzsche, “pois que coisa mais deliciosa haverá de se tornar sensível à beleza?” (ALVES, R., 1994, p. 6-8)

O autor me inspira a dizer que a alegria de Dona Ivete ao ensinar permanecerá em meu coração. Ela era para mim uma professora como diria: um modelo? Eu era criança e tinha a minha educação em casa, na escola, e a cada convívio e lócus que convivia era um aprendizado. Era a educação da escola, e na sala de aula a professora é quem regia este educar. Lembro-me da sua educação, gentileza, sensibilidade. O meu reencontro com ela se deu por conta de uma disciplina que fiz como ouvinte na Faculdade de Educação com a professora Ana Angélica Albano. Em determinado momento, foi proposto que pensássemos em nomes de professores que lembrávamos e o que escreveríamos para eles. Eu listei vários, uns vinte professores, mas, fixei na Dona Ivete, e aí como queria escrever certinho o nome dela inteiro por conta de um n ou m em um dos seus sobrenomes no final, procurei o nome na internet e achei o telefone.

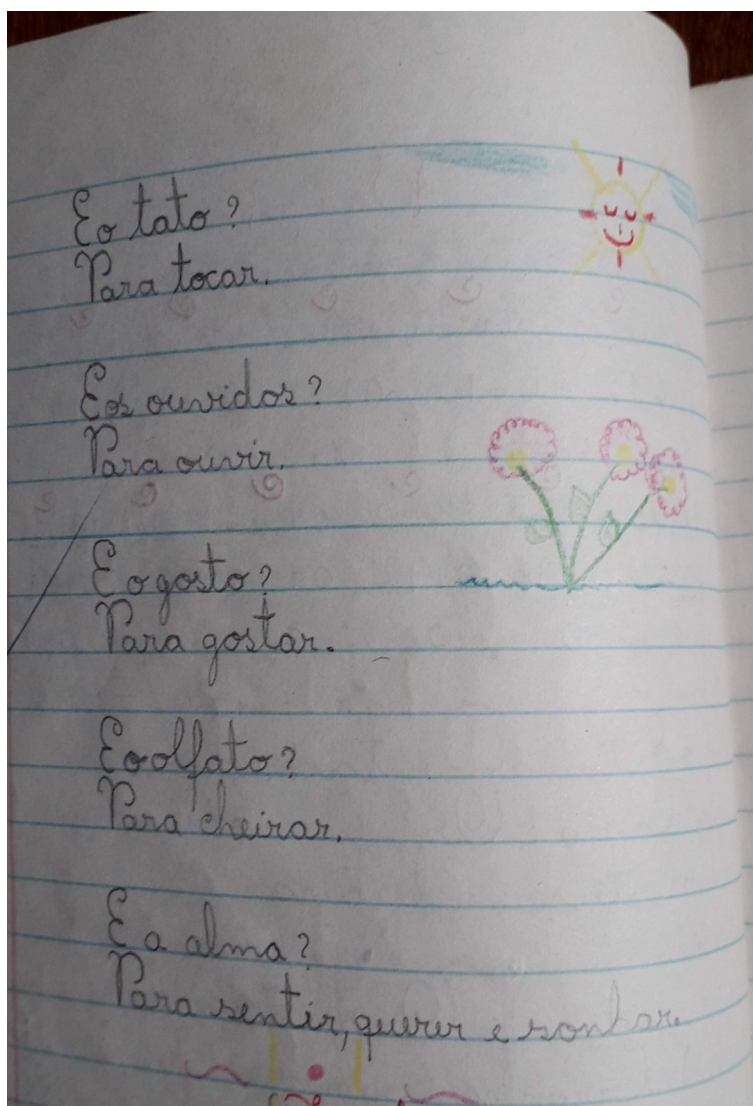
Nossa, eu não sabia se ligava ou não. Quem atenderia ao telefone? Fiquei com receio. E foi ela quem atendeu. Eu não lembro de ter escrito a carta, acredito que sim. Fiquei com uma vontade imensa de revê-la e pude viver esta experiência estética do reencontro com a minha professora da infância.



**Figura 6.** Os sentidos. Texto copiado por mim na 2ª série.

“*Linda*”, palavra escrita pela professora D. Ivete.

Arquivo pessoal: Luciana Mesquita



**Figura 7.** continuação de Os sentidos.

Texto copiado por mim na 2ª série. 1987.

“Linda”, palavra escrita pela professora D. Ivete. *Arquivo pessoal: Luciana Mesquita*

### “ Os sentidos

Crianças, vamos cantar  
uma linda canção.

Eu vou lhe perguntar  
Você vai me responder.

Os olhos para que são?  
Os olhos são para ver.

E o tato?  
Para tocar.

E os ouvidos?  
Para ouvir.

E o gosto?  
Para gostar.

E o olfato?  
Para cheirar.

E a alma?  
Para sentir, querer e sonhar.”

*(Texto agora digitado copiado do meu caderno de 2ªsérie- 1987 Fig.6 e Fig.7)*

Reescrevi o texto para ecoar os escritos para além da própria imagem que flui. Reflito com ela e tento transmitir isto a você leitor (a) sensível, e desejo que ela ecoe para o mundo. Não sei confirmar a você de onde a professora D. Ivete retirou esta canção/poema. Fiz uma breve busca na internet e não encontrei. Cogitei ser de autoria dela mesma, mas, não posso afirmar. O sentido de sentir que se aprende desde a concepção, se desenvolvendo um ser humano dentro de um ventre de uma mulher e depois quando sai, sai e deseja espaço, sente o espaço e se expande para o mundo.

Ao me encontrar com estes cadernos e abri- los aleatoriamente revivendo

minha infância ao olhar minha letra que considerei muito caprichada, tive uma alegria imensa ao ver este pequeno texto 'Os sentidos' e me tocou em saber que eu já havia me encontrado com os 'sentidos' em palavras escritas na minha infância e depois me encantei com os 'O sentidos dos sentidos: a educação (do) sensível tese do João Francisco Duarte Júnior.

Foram e são formas diferentes de escrita em tempo diferentes que reavivaram e confirmaram as minhas crenças acerca de uma educação mais humana e sensível .

No entanto, não é porque estamos em tempos diferentes que não podemos nos conectar, sim é possível a conexão e foi o que esta perspectiva de pesquisa narrativa investigativa proporcionou e que Martins e Tourinho, (2017) afirmam que 'as práticas narrativas de pesquisa são maneiras de agir e interagir no mundo e com o mundo (...)’p. 143. É compreender de uma vez por todas que não somente eu, mas, nós, não estamos sozinhos neste mundo, e se olharmos com cuidado para nós mesmos encontraremos muitos sentidos dos outros em nossos sentidos e que nossa constituição enquanto seres humanos, complexa, constante, mutável tem a capacidade incrível de promover e criar ações transformadoras para um desenvolvimento feliz do ser humano.

*Entre 1991 e 1996.*

#### **1.4 Semana Guiomar Novaes**

A Semana Guiomar Novaes ocorria num espaço grande de sala de cinema em Cine Ouro Branco. Sempre que possível, íamos assistir às apresentações. Quando entrávamos dava para sentir o ar de música, sons dos instrumentos a serem afinados e a preparação para algo que estava por vir. Na hora das apresentações, o silêncio da plateia. Momento total de fruição e degustação da arte e interação com as pessoas.

No final, lembro-me de sair correndo atrás dos regentes e musicistas para conversar, parabenizar e pedir autógrafo. Era uma alegria pra mim, além, claro, de sempre encontrar amigos e conhecidos na saída para dizer um oi e dar um abraço. Lembrança gostosa. Andei visitando pela internet para ver se ainda ocorre e parece-me que sim, lá no espaço do Teatro Municipal pós-restaurado que fica no centro da cidade. Todo ano tem Semana Guiomar Novaes em São João da Boa Vista, interior de São Paulo.

Rememorar este tempo de contato com a música na Semana Guiomar Novaes é o deleite que me remete aos novos nascimentos que farei no âmbito e quesito contato com a música e mergulho na arte. Sobre a beleza de se ouvir uma música,

“Beleza não diz respeito às qualidades dos objetos, mensuráveis, quantificáveis e normatizáveis. Diz respeito à forma como nos relacionamos com eles. Beleza é relação (entre sujeito e objeto).”  
(DUARTE JÚNIOR, 2009, p. 14)

O fato é que lá no Cine Ouro Branco eu fazia um elo com o que eu escutava em casa. São experiências estéticas que deixaram marcas internas. Este contato com a arte é composto por experiências que possibilitam a promoção de um desenvolvimento ‘harmonioso’ no ser humano (SANTOS, 2008).

Lembro-me de minha mãe tocando lindamente piano e me ensinando. Aprendi um pouco. Maravilha de instrumento. Lembro-me de meu pai tocando e soltando a voz com o violão e eu cantando com ele. Tentei aprender um pouco do instrumento depois de

adulta, mas, em geral, paro nas pestanas, mas, continuarei tentando a tocar.

Fui para frente com o canto, posso dizer que desbravei e ainda desbravo o próprio instrumento da voz que é nosso corpo e mais adiante falarei disto. Cantarolava às vezes com minha mãe, e às vezes com meu pai. Lembro-me dos clássicos que minha mãe gostava de colocar no toca-discos. Eu gostava muito do rádio. Cantava com o rádio e era uma delícia!

*Entre 1991 e 1996.*

### **1.5 Escola**

Do Ginásio, fui para Escola Estadual Coronel Cristiano Osório de Oliveira, conhecida como Instituto. Estava na 5ª série e lá fiquei até o colegial, o que chamamos hoje de ensino médio. A escola é grande e tenho boas lembranças de lá. Eu sempre gostei de ir à escola. Era local de interação com as pessoas para além dos conteúdos. Lembro-me da sopa no intervalo. Delícia de comida. A sopa de macarrão com feijão. Aquele caldinho com arroz e batata e outros ingredientes que não lembro, e de sexta-feira? Humm... sempre tinha algo diferente, como salada de frutas.

Nesta época já entrava na adolescência, os pensamentos e os hormônios aumentavam. Era como se estivesse deixando uma casca para ficar com outra. Lembro de uma peça de teatro que assisti no pátio da escola, das palestras contra as drogas, de filmes assistidos e discutidos em sala de aula. Na escola, lembro das caras pintadas, época do impeachment do presidente Fernando Collor. Recordo-me dos professores, sou grata a eles e aos amigos por tudo que aprendi... das aulas de Psicologia, Filosofia que tive no colegial, que maravilha refletir! O tempo na escola estadual era diferente do universo que entraria em seguida, dos cursinhos. Na escola o tempo transcorria um pouco mais lento, já nos cursinhos parecia voar como um foguete.

*Entre 1997 e 2001.*

### **1.6 Vestibulares**

Os primeiros vestibulares que realizei foram como treineira. Lembro-me de uma das provas da Fuvest. Quando peguei a prova. A folha era azul e grande, já era um desafio abri-la sem rasgá-la. Eu me sentia desajeitada naquele mundão de jovens. *Affe! O que estou fazendo aqui?* – pensava. Comecei a saga de vestibulares no segundo colegial, para sentir como era a prova.

Minha mãe também prestou vestibular algumas vezes, para a área da saúde. Ela tinha este sonho e na época abracei a causa, mas, depois de um tempo as situações do dia a dia foram mudando nossos caminhos e escolhas. Valeu pela tentativa, acredito. Pode ser um modo de consolo, como se não tivéssemos ido, não teríamos visto e passado por aquelas experiências.

Fizemos muito cursinho e tivemos apoio de muitos amigos e professores nesta caminhada de aprendizados e reaprendizados. Num desses períodos minha mãe começou a fazer pudins para vendermos e auxiliar na renda. Foi uma experiência ímpar conhecer as pessoas e saber como é o mundo, estar no mundo do trabalho. Quando as portas se abrem e quando as portas se fecham pra você. Nesta época, não passamos em nenhuma universidade. Passei para outras reflexões, desejos e vontades. Nem imaginava e sonhava o que estava por vir noutros anos.

Falar desta época de cursinho poderia ter dois vieses, um de possível revolta por não ter realizado naquele tempo a faculdade, como é o desejo de muitos, mas realização de poucos. Outro caminho, e no qual permanecerei nesta pesquisa, foca no aspecto positivo de não ter atingido os objetivos ou metas de entrar em uma universidade no tempo 'padrão'. Procurar olhar o lado alegre das "coisas". Sim, é este o caminho que tentarei seguir aqui.

Sendo assim, quando terminei a pequena narrativa "passei por outras reflexões" conforme interagia com mais e mais pessoas e conversava com elas. Hoje, depois de ter a possibilidade de ler um pouquinho mais dentro da universidade percebi muitos fatos que poderiam ser diferentes e muitos poderiam ser aproveitados e reaproveitados como ações recicladas. Aprendemos em família e cada pessoa foi



seguindo seu caminho, aprendi com meus pais e meu irmão e segui aprendendo com o mundo.

[...] A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e boniteza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais de que, desperta com relação à possibilidade de enveredar-se no descaminho do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. [...] Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós, para ser.“ (FREIRE, 2011 p.34)

Pelas nossas escolhas e por tentar sempre, uma experiência que marcou na alma, próximos a períodos de transição, período em que estava me tornando uma jovem adulta.

*Em 2001.*

### **1.7 As bonecas**

Já com uns 20 anos, saindo de casa, levei todas as minhas bonecas. Eram muitas para mim, umas sete ou oito, não me recordo, mas levei todas. Parecia que estava carregando a vida junto. Era o que podia levar naquele momento. Brinquei pouco de bonecas. Eu não me recordo muito, mas, eu gostava muito mais era de jogar bola, andar de bicicleta, dançar, cantar, conhecer pessoas etc e tal. Em determinado momento, fora de casa, refleti diante do questionamento: O que fazer com as bonecas? Falaram pra mim: Doe! Não hesitei as doe, e ali parece-me que foi o marco da separação da infância. Lá vai esta pessoa narrando aqui a procura pela mudança. O ato de sair do núcleo em que você cresceu pode não ser tão simples. Eu queria sair, mas não foi um processo suave e tranquilo. Foi difícil até eu me adaptar ao mundo de fora da bolha de casa. Novas descobertas e desafios. A lagarta queria virar borboleta.

Num processo de desenvolvimento humano, esta experiência me despertou para

o fato de que não era necessário levar objetos comigo. Hoje posso transferir simbolicamente esta ideia de que muitas experiências vivenciadas precisam se enraizar dentro da nossa mente, não precisamos carregá-las com ranço ou mágoas, mas como um aprendizado que passou e pode gerar reflexões. Duarte Júnior (1991), p. 26 fala que, ao “utilizamos nossa linguagem para transmitir ideias também estamos exprimindo nossos sentimentos”. Neste caso compreendo que uma experiência do cotidiano pode colaborar numa experiência estética de sensibilidade, de algo que se manifesta internamente e pode acontecer com muitas pessoas. Ainda que o objeto tenha sido o mediador da situação, as bonecas tinham sentido na infância para o brincar. É o ato de rever as ações, refletir sobre elas e, assim, perceber o que se faz necessário para viver.

*Entre 2001 e 2002.*

### **1.8 Faculdade de Administração de Empresas e trabalhos**

Eu trabalhava num supermercado de proporção mediana para grande em São João da Boa Vista. Minha função era operadora de caixa e eu trabalhava no período da tarde até a noite e, quando era dia de “dobro de horários”, ou seja, o dia todo, tinha direito a folga de um dia.

Certo dia uma ex-professora de cursinho passou no meu caixa e perguntou:

- Você não gostaria continuar a estudar?
- É claro que gostaria.

E ela me ofereceu ajuda e me incentivou a prestar o vestibular na faculdade ao lado do supermercado. Super próximo, era atravessar uma quadra. Na época era a Faculdades de Administração de Empresas, a FAE. Hoje, é o Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino - UNIFAE. Não consegui mudança de horário no trabalho e chegava quase às 21h na aula. Então, comprei um gravador e deixei com uma colega, que gravava para que eu ouvisse no dia seguinte às aulas. Eu não entendia muito, quase nada. Contabilidade, caro leitor, não entendia nada. Chegava na sala de aula, já observava os riscos na lousa e não entendia as questões de débitos, crédito... affe. Os colegas tentavam me ajudar mas, ainda assim, era pouco. Eu trocava, ensinava o pouco que sabia de matemática e eles a mim contabilidade. Foram alguns meses naquele

percurso, até que vi minhas notas e optei por sair e continuar a trabalhar no supermercado.

Lá no supermercado, eu esperava os clientes, passava as compras, falava bom dia, boa tarde e boa noite. Conversava um pouco com algumas pessoas e os dias iam passando, até que comecei a fazer aulas de técnica vocal incentivada por amigos, pois sempre gostei muito de cantar. Cantava nas missas a princípio, depois apareceram eventuais locais como um clube e fazer *backing vocal*, na praça com a Banda da Prefeitura e num barzinho (neste dia, com alguns amigos me apoiando, ganhei um suco e quem me emprestou o amplificador para tal momento, foi um querido amigo, e que hoje é meu esposo, o Du).

Nesta época fiz muitas amizades e alguns pequenos 'bicos' de trabalho. Chegou uma hora que precisava mudar, sair do caixa. Eu me encontrava numa crise de existência e precisava mudar.

Esta fase da saída de casa e estruturação fora do primeiro núcleo não foi tão simples assim, mas, com o apoio de muitas pessoas tudo foi se encaminhando. A tentativa de ligar os estudos com o trabalho foi por água abaixo. Quando escuto sobre a educação no sentido de preparar para o mercado do trabalho, vejo o quanto é complexo.

Ao trabalhar no supermercado pensei que estudando na Faculdade poderia trabalhar com algo próximo do ou no local em que me encontrava, para mudar mesmo de função. Numa visão mecanicista e bem trabalhista comecei a me estressar e o cantar me trazia um grande alento. Estava descobrindo na minha iniciada vida adulta fora do primeiro núcleo casa outros sentidos da nossa sociedade bem como "a educação bancária" que Paulo Freire (2011) diz que:

"é ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo a dimensão da "cultura do silêncio", a "educação bancária" estimula a contradição. (p.82)

Então, embora eu tenha vindo deste tipo de educação 'bancária' já apontando para outro tipo de educação foram estas experiências que me foram mediadoras no sentido de aguçar outros sentidos em busca de outras experiências, como o cantar.

Dessa maneira, foram experiências por assim dizer resultantes de outras

experiências estéticas que resultaram em outras atitudes de mudança e transformação. É o ato de sair de um lugar onde você se sente preso. Preso para pensar e sentir. As vivências nos trabalhos, nos trabalhos de ‘bico’ deste período, como a tentativa de limpar a casa de uma pessoa, entregar jornais nas casas, trabalhar nos caixas de baile quase a noite inteira não me fizeram deixar ser a mesma Luciana de sempre. A cada trabalho, a cada tentativa, a cada fazer algo era um mergulho para um novo.

São experiências internas e que, às vezes, ficaria complicado descrevê-las, por muitas vezes ficava resfriada, muito, porque o corpo respondia aos limites do possível e do impossível, mas Deus sempre esteve comigo em todos os momentos. Falo Deus, mas podem chamar do que você quiser, falo porque acredito, e acredito também que o Universo conspira a favor das pessoas que buscam acontecimentos bons.

Toda atitude tem uma consequência, quando estava para sair do supermercado passei por algumas dificuldades que me trouxeram como aprendizado futuro, mas foi preciso realizar a mudança.

A mudança que transforma, que instiga a realizar algo para si e para os outros. É necessário que o homem não deixe sua essência humana. Se algo não está bom, no trabalho, nas relações, ao redor, na sociedade, na escola, no mundo, acredito que tentar e se possibilitar algum tipo de mudança pensando num coletivo, já me parece muito transformador.



**Figura 8.** Azulejo que guardo do evento que participei da Faculdade de Administração

*Arquivo pessoal: Luciana Mesquita*

*Entre 2002 e 2004.*

### **1.9 Núcleo Experimental Teatro de Tábuas - NETT**

Não estou certa de como foi exatamente o dia do meu encontro com o espaço do Teatro de Tábuas em São João da Boa Vista, interior de São Paulo. Neste exercício de lembrar, e trazer à tona algumas das experiências vividas, me lembro vagamente de me ver andando a pé pela Rua Oscar Janson e perceber muitas pessoas na frente de um lugar, com roupas diferentes. Devo ter parado e perguntado, por gostar de interagir. Provável, mas, não tenho certeza. Lembrei disso esses dias.

Algo que sempre lembro, foi quando comecei a conversar com uma pessoa que estava pintando ou arrumando algo na parede bem na entrada do teatro. Quando fui embora estava frio e esta pessoa, generosamente, me emprestou sua blusa. Senti a generosidade. Senti alegria. Nesta época morava com uma colega para dividir as despesas, mas estávamos nos reorganizando porque eu tinha acabado de sair do supermercado. Então, voltando à história da blusa. Cheguei em casa, tentei fazer um boneco para dar de presente (não ficou tão bom quanto gostaria, mas levei como um gesto simbólico, porque a pessoa que me emprestou a blusa era o Tiago Kávyla (o Kávyla), um dos atores do núcleo e artista plástico criador dos bonecos da companhia. Devolvi um outro dia a blusa e o boneco que fiz. Continuei visitando o lugar esporadicamente.

Em determinado momento, em outras situações por conta de trabalho conheci o diretor Jorge Luís Braz que perguntou num diálogo se eu gostaria de ser atriz. Pra mim era novidade, mas fiquei feliz com a gentileza do convite e a ideia. Aceitei e fui mergulhando cada vez mais nesse mundo. Teatro de Tábuas. Em espaço físico não era gigante, sua estrutura de madeira se apresentava na arquibancada para o público e me muitos pontos da arquitetura. Teatro. Não foi um período tão longo, mas intenso em todos os momentos em que estive ali, marcou minha alma e levo para a vida inteira.

Foram ações em grupo, por isso saio da primeira pessoa neste momento. Acordar cedo, dormir muitas vezes tarde. Limpar o teatro. Lixar as ferragens do teatro. Entregar cartas aos amigos do teatro. Procurar patrocínios. Divulgar nas escolas. Criar figurinos. Adereços. Cenários. As leituras. Criar uma fala. Um corpo, uma voz. Participei de alguns momentos de animação como palhaça (delícia) e tive a honra de participar em

uma peça infantil: “Vamos passear na Floresta” com os amigos Kávyla, Daniel Salvi e Antonio Domenciano sob a direção de Carolina Braz e Jorge fez a supervisão naquele momento. Participei em São João da Boa Vista e Tapiratiba. Foi incrível a experiência, embora sempre com a possibilidade de ajustar algo. O contato com o público infantil proporciona uma troca muito rápida em olhares, risadas, medo e a condução do espetáculo fluía conforme a energia desta troca. Essas sensações, estes sentidos. Algo que não consigo explicar em palavras.

E, olhe, às vezes bate um cansaço. Uma vez, eu cochilei do lado de fora na hora de minha entrada na cena, e escutei lá longe me chamando: “Kieza... Kieza...” Era o nome da duende, a personagem que já existia na peça anterior “Em Busca do Desejo”... enfim, não sei nem mais se é real isso, a sensação de dormir... acho graça. A história do Teatro de Tábuas, que se iniciou em 1999 em São João da Boa Vista, me encantou e as pessoas que estavam nele me proporcionaram um grande aprendizado em minha vida e guardo em meu coração.

Sempre falo quando conto um pouco deste momento para alguém: morei no teatro. Morei e foi de grande aprendizado. O palco realmente atrai as pessoas e viver no teatro foi enfrentar os desafios diários com encantamento do próprio espaço físico que continha a energia que o ator/atriz possui e todos os espetáculos e públicos que perpassam nele. Uma grande interação neste núcleo experimental entre as pessoas em processo no desenvolvimento com a ‘dificuldade, na simplicidade e na verdade’ que éramos conduzidos pelo diretor. Na época havia o slogan “Experimente esta ideia” e como diz o próprio Jorge Luís Braz em página 2 no jornal Contra Regra publicado pelo NETT Núcleo Experimental Teatro de Tábuas: “uma vez dentro, jamais você será o mesmo, experiência própria”. Ele diz, ao finalizar a abertura da edição comemorativa de 3 anos deste precioso espaço. Concordo plenamente, são registros e marcas na alma que levo para além do palco, todas as vivências, choros e alegrias. Aprendizados para a vida.

Compreendo diante a experiência de ter adentrado ao teatro e ter vivenciado este espaço intensamente, nos momentos em que estive no grupo de atores e outros momentos que trabalhei lá em outras ‘funções’, que a experiência do estar e viver foi um mergulho nas experiências estéticas relacionadas às artes que estão correlacionadas com a vida do ser humano.

Não consigo perceber, sentir a arte, se não houver aproximação ou interação. As experiências dentro do espaço foram demasiadas intensas e muitas delas novas pra mim. Tentar expor isto a público, registrar neste tempo que possuo agora, parece-me muito pouco diante de tudo que senti e vivi. Eu tinha minhas dificuldades internas, meus desejos de jovem adulta, ainda muito cedo para amadurecer emocionalmente todas os fatos ocorridos anteriormente a entrada ao teatro, contudo, a minha sensibilidade estava cada vez mais aguçada. A arte era como imã e ela teve este efeito para mim. Como vou escrever na narrativa a seguir, tive um percurso neste tempo entre o teatro e museu, tudo foi muito intenso. Então, nas minhas voltas pós museu era um outro olhar.

Diante destas minhas narrações é preciso compreender que estamos num país em que a resistência humana fala alto no âmbito das artes. A realidade da sociedade atual promove atrações efêmeras, a presença da tecnologia consome parte da energia humana, as relações humanas estão e são raras, por tudo isso e muito mais, os espetáculos teatrais são maravilhas da resistência e mediadores da experiência estética rara.

No teatro, requer estudo e requer tempo. Se o tempo que a sociedade promove é veloz, é consumista, é fazer mais, querer mais, então, o teatro embora trate de assuntos que a sociedade vive ele diverge com a mesma, pela maneira como ocorre seu processo criativo. Veja, o que penso hoje, não deve divergir da educação. Digo não à “educação bancária”, não à falta de tempo para pensar e um sim para inspirar e respirar, sentir meu corpo e o tempo para experienciar.!

[...] ninguém sustenta sozinho uma concepção divergente da realidade, e isto é válido também para os intelectuais. Se lhes falta o respaldo da sociedade maior, todavia eles encontram-no entre si mesmos, ou seja, na subsociedade de intelectuais que eles constituem. Suas concepções dissidentes são sistematicamente negadas pela práxis mesma da sociedade, mas, subjetivamente eles podem mantê-las porque na subsociedade a que pertencem seus companheiros consideram-nas como realidade.[...] (DUARTE JÚNIOR, 2006, p.66)

Por isso, que a arte é forte e sempre será. Acredito. O teatro mexe e remexe por dentro do ser. De fato, não há sustentação sozinha. Esta realidade só se sustentou e se sustenta porque há inúmeras pessoas envolvidas no processo artístico apoiadas por parte de uma ‘sociedade maior’ e uma grandiosa população de atuentes e plateias na ‘subsociedade’, ainda bem. Sempre. Viva o Teatro!



**Vamos passear na floresta?**  
A estréia mais esperada do ano para a criançada.

Direção: Carolina Braz  
Elenco: Antonio Domenciano Jr.  
Daniel Salvi  
Luciana Ricci  
Tiago Kávyla

Datas:  
De 06 à 22 de agosto  
De segunda à sexta  
Sessões às 10 e 16h.

Reservas:  
19 - 631 1435

**Núcleo de Artes Cênicas**

A estréia mais esperada do ano para a criançada.

**Vamos passear na floresta?**

Direção: Carolina Braz  
Elenco: Antonio Domenciano Jr.  
Daniel Salvi  
Luciana Ricci  
Tiago Kávyla

Datas:  
De 06 a 22 de agosto  
De segunda à sexta  
Sessões às 10 e 16h.

Reservas:  
19 - 631 1435

Local: Antiga Estação Ferroviária  
Espaço Cultural Fernando Arrigucci  
Pç. Rui Barbosa, 41 - Bairro do Rosário

Há dois anos sem nenhuma montagem infantil o Teatro de Tábuas volta seu foco com o grupo profissional para a criançada.

Para apimentar ainda mais a trama o texto foi trabalhado em grupo e tem como cerne a auto-estima das crianças. Acharmos importante tratar, em tempos tão confusos, de levantar o astral e a esperança de nossos futuros jovens e adolescentes.

Convidada para a direção Carolina Braz, trouxe sua experiência para a plasticidade do espetáculo e há três meses trabalhando diariamente o elenco está pronto para transformar a vida da criançada numa viagem alucinante pelo mundo lúdico do teatro.

Dentro do projeto de experimentação do espaço cênico proposto pelo teatro, foi construído um palco especial para esta apresentação, e devido seu tamanho que atende a 200 crianças por sessão, será montado no Espaço Cultural Fernando Arrigucci.

Já temos reservas de 16 escolas da cidade e ainda podemos atender a outras; professores e interessados devem se dirigir ao Teatro de Tábuas e agendar suas apresentações.

O título desvenda a intenção. Vamos passear na Floresta?... Pois bem, ao entrar no cenário as crianças serão transportadas para a clareira de uma floresta; ali dentro do cenário, viverão todos os momentos da peça em meio aos personagens que já são velhos conhecidos do público infantil são-joanense. Velhos conhecidos porque o Mimi, a Kieza, o urso Zitor e a cobra Maika protagonizaram o primeiro infantil do Teatro de Tábuas em 1999 chamado "Em Busca do Desejo" que assistiram 6.780 crianças.

Este é um projeto que há muito pensávamos em executar e que tem um caráter especial, pois ao voltarmos a atender este público encontramos uma relação mais próxima do lúdico e um retorno de energia que só uma criança pode nos devolver.

Juntamente com a montagem o Teatro de Tábuas propõe uma apresentação anterior do espetáculo aos professores de cada cidade, seguida de uma palestra sobre auto-estima e sugestões de como trabalhar este conteúdo dentro da sala de aula.

Todas as cidades parceiras já garantiram a apresentação desta montagem e outras não parceiras também, portanto o trabalho seguirá viagem durante todo o segundo semestre e quem quiser vê-la aqui tem que aproveitar do dia 06 ao dia 22 nos horários programados conforme anúncio acima. Maiores informações 19-631 1435.

**Figuras 9 e 10. Jornal Contra Regra do NETT 2002.**

Créditos imagem contida no jornal: *Silvia Ferrante*

Figurinos: *Silvia Borges, Maria Eulália Braz e Tiago Kávyla*

*Entre 2002 e 2003.*

**1. 10 MARP - Museu de Arte de Ribeirão Preto Pedro Manuel - Gismondi' e Casa da Cultura**



Saí caminhando a pé, pela cidade quente de Ribeirão Preto interior de São Paulo, à procura de trabalhos e por já ter realizado o mergulho na arte, entrei no MARP - Museu de Arte de Ribeirão Preto Pedro Manuel Gismondi e senti o espaço maravilhada. Amplo. O MARP, atualmente, se encontra no mesmo lugar, na Rua Barão do Amazonas, 323, Centro. Um prédio de esquina. Maravilhoso. Não sei se mudaram muito as configurações, mas, ao entrar subi as escadas de madeira local em que se encontravam as exposições e próximo a sala do diretor/ coordenador e secretárias. Foi ali que conheci pessoas maravilhosas com a Maria Inês, a Adriana e o Nilton.

Receberam-me tão gentilmente que fui conhecer o espaço depois. Neste tempo, que foi o tempo que comecei a imersão nas Artes Visuais foram muitas as novidades. Ao atuar como voluntária dos monitores ficava lá atrás observando as visitas guiadas. Como aconteciam, como os visitantes agiam. Fazia as minhas anotações e os meus registros. Participei dos primeiros encontros do Grupo de Estudos que tem até hoje, todas as terças-feiras. E aqui entro no discurso da primeira pessoa do plural. Assistíamos filmes, seguidos por diálogos. Participávamos de workshops de gravura, desenhos... e volto para o discurso da primeira pessoa.

Apreendi muito e sabia que tinha muito por aprender, e tenho ainda.

No térreo do mesmo prédio encontramos a Biblioteca Leopoldo Lima, local em que eu procurava ler um pouco sobre os artistas e tentava me aprofundar aos poucos e tentar compreender aquele outro universo novo para mim.

Quando chegou o momento de atuar como monitora, que não consigo aqui nesta escrita precisar dia ou hora, mas, apenas ano, tanto no espaço do MARP como na Casa da Cultura, pós capacitação por arte-educadores fora um vislumbamento e desafios também. A Casa da Cultura fica no alto do Bosque um salão amplo e seu edifício possuía muitas árvores à sua volta. Um local muito agradável. A posição de observar e registrar era muito ampla e posso dizer mais confortável, enquanto que, na ação direta com as crianças, jovens e adultos, tudo poderia acontecer nesta possibilidade de mediação das experiências. Enquanto monitora de uma visita me sentia 'responsável' pelas pessoas, pela interação delas com as obras e com as próprias obras.

### 1.11 Tijolos

Um certo dia, acredito que era no período da tarde e não estava chovendo, caminhando do museu para a casa dos meus primos entrei no Centro Cultural Campos Elíseos que fica na Avenida Capitão Salomão, s/nº bem próxima à Avenida D Pedro no Bairro Ipiranga para dar uma ‘espiada’ na exposição. Entrei na galeria, olhei e sai. Vi os tijolos e fui embora.

\_Acho que falta algo. (pensei) Não deu tempo de sentir nada e nem tampouco tocar em minha alma.

No dia seguinte, conversando com Nilton (coordenador das Artes Plásticas/MARP) sobre a exposição. De repente, saiu o assunto da exposição lá do Campos Elíseos e eu falei:

– Ah, os tijolos chegaram. – *e continuei a fazer o que estava fazendo.*

E o Nilton com toda gentileza respondeu mais ou menos assim:

– Lu, é a exposição.

Eu queria morrer de vergonha. Sumir da cadeira. Eu, com os meus ‘borbotões’ havia pensado que faltava alguma coisa acho...não me lembro direito a sensação, mas, ficou claro que na hora no meu primeiro encontro com aqueles tijolos na galeria, não os apreciei como obra, não parei...achei que talvez tivesse faltando algo. É claro que voltei lá e fiquei um tempão até chegar numa leitura pessoal, e perceber e sentir e enxergar o strass e o tijolo não apenas com os olhos da visão, mas, com outros sentidos que tive um ‘chacoalhão’ lá dentro do meu ser e minha leitura a partir desta sensação foi: o strass deve ser a população muito rica e nós (os pobres), o restante que sobrou de tudo isso neste espaço.

Rememorar estes anos de interações com estas exposições com obras de arte das mais diversas e com os visitantes foi um grande desafio. Foi de lembrar também de uma sensação muito boa: a alegria e honra trabalhar por um tempo com esta equipe do MARP.

Nilton, Maria Inês e família, foram realmente impulsionadores e motivadores para que eu continuasse nesse processo. Era o acolhimento deles misturados com minha vontade de descobrir e desbravar àquele mundo. Todas as pessoas que trabalharam lá

na época em que estiveram nos cursos oferecidos e traçando uns nos outros e até talvez sem perceber outras possibilidades de caminhos a seguir na vida.

Eu tinha a vontade de aprender e os envolvidos no processo enquanto mediadores se dedicavam e gostavam do que faziam. O fato de gostar, ter vontade, se envolver ter objetivos tudo vai fluindo na paz e partilha.

A história dos tijolos me deixa ainda com vergonha porque me senti insensível. Hoje sei que aprendi com esta experiência que aliás, eu mesma, não tinha dado tanta importância a ela, penso. Embora, ela tenho ficado marcada em meu coração, porque a arte contemporânea foi algo de maravilhoso e de grande aprendizado. Quando a gente conversa ou lê com uma pessoa que já leu, faz arte e nos apresenta a arte que você possa interagir com ela e não necessariamente ter uma resposta ou algo pronto. Vejo e olho com ternura para um quadro de pintura retrato, vaso ou paisagem, mas, sem dar mais crédito para um tipo de arte ou para outro. Vi em mim um despertar um novo olhar para algo não familiar que não era hábito para mim e acredito que para muitos de vocês leitores (talvez eu esteja enganada), mas, tudo isso para dizer que a arte contemporânea permiti realizar várias leituras, a sua, a minha, a do outro, ou ainda não ter leitura alguma até que um dia aconteça algo que ‘remexa’ por dentro de si, ou ‘a ideia da maçã cair na cabeça de alguém’ ou ‘eu mesma por exemplo, quase não enxergar nem os tijolos’. Estou aqui realizando alguns pequenos ‘arremates’ pós defesa e espero ter registrado um pouco mais do que senti, das sensações. Acredito tanto nesta sensibilidade que voltei a refletir com maior ênfase nesta pesquisa em diálogo com os professores da banca e do meu orientador.

[...] É difícil, mas penso que seja valioso e possível compreendermos que tantas vezes faltam as palavras. As palavras são a ponta do iceberg da experiência... e há uma diversidade de silêncios e tempos na experiência de cada um, e expandirmos em nossas ações a face qualitativa do silêncio e do tempo. [...] (DEMARCHI, 2014, p.81)

Quando entrei lá, vi os tijolos e achei que estava vazio, como já descrevi acima. Foi esta resposta que obtive neste pouco tempo. Pensei, pensei. Eu entrei e pensei: bom os tijolos estão aí, deve chegar mais alguma coisa/obra, com meu jeito coloquial de falar. No entanto, eu não me senti insensível pelo jeito de pensar, me senti insensível por não ter lido ou não ter prestado a atenção, não ter olhado atentamente e visto a beleza e o singelo. Compreende?

Se era o portal? Fiquei sabendo com vocês, queridos professores.

A resposta: sim. Olhando aqui os dados, o que estava no folder/layout da artista percebi que tinham mais obras no lugar, pois é, isso fez com que aumentassem as minhas reflexões presentes. Como fiquei em dúvida, falei com o Nilton recentemente, por mensagem de whatsapp e conversei sobre esta questão do portal. Ele concordou com tudo. Foi uma passagem mesmo. Ele ainda me confirmou que eram mais 5 obras e ou pinturas. Então, confirmo que meus olhos fixaram mais para a obra dos tijolos. Estou ainda assimilando isto dentro de mim, pois já se passaram 17 anos, mas, como disse o próprio Nilton, *'nossa memória é seletiva'* e para não me prender a isso. Estou apenas compartilhando também um pouco deste processo de rememorar e escrita que são as experiências que ocorreram enquanto rememorava o acontecimento e compreendia ao mesmo tempo o processo. E, então, o que gostaria de enfatizar é que ficou evidente a mudança no meu modo de me encontrar com as obras de arte e assim passei a procurar observar melhor tudo ao redor e continuar a caminhada. Eu não tenho dúvidas sobre isso.



**Figura 11**



**Figura 12**

*Figuras 11 e 12 gentilmente enviadas e cedidas por Nilton Campos  
(Coordenador do Museu de Arte de Ribeirão Preto- MARP)*

*Entre 2004 e 2008.*

### **1.12 Itumbiara**

Tive oportunidade de morar alguns meses na cidade de Itumbiara, Goiás. Lá fiquei um tempo com as Irmãs do Sagrado Coração de Jesus que moravam ligadas ao Hospital e Maternidade São Marcos, praticamente dentro do hospital. Minha querida prima Irmã Paulínia morava lá. Ela era irmã dos meus primos de Ribeirão Preto.

Lembro-me dela sempre perguntando se eu estava bem e organizando a parte da costura do Hospital. Ela também ia na cozinha para verificar se estava tudo *ok*. Foi interessante aquele momento em que morei um pouco com as irmãs e pude interagir lá no

próprio hospital auxiliando a entregar leite e pães para os doentes que estavam lá. Eu pedi e perguntei se poderia fazer isso. A irmã Paulínia apenas recomendava: procure ir com tênis. O hospital não era tão grande. De um lado do hospital era o atendimento do sistema único de saúde e outro particular. Do que o lembro, a maternidade.

Mudei de lugar. A primeira casa que morei em frente ao hospital, mas, só tinha baratas na casa. Eu acordava e dava de cara com elas. Era bem, a Luciana e as baratas. Não demorou muito e as irmãs ligaram no meu trabalho dizendo que tinham realizado minha mudança de casa, não muito longe dali. Eu andava quase sempre a pé, quando estava sozinha. Prestei um vestibular num Curso Normal Superior por lá, passei. Era muito caro para mim e desisti. Preferi esperar. Um dia entrarei na universidade pública. Pensei. O curso era à noite, no mesmo local em que trabalhava no espaço de um colégio. Colégio Diocesano, tenho registro em carteira de auxiliar na reprografia, mas, eu mais digitava prova para o colégio inteiro e uma irmã me ajudava na revisão. Trabalhava com mais uma colega. Som de criança brincando no pátio da escola. Agora fazia cursinho novamente à noite. Mesmo local do trabalho, no colégio. Depois de poucos meses estava buscando voltar para o Teatro de Tábuas.

### ***1.13 De volta para São João da Boa Vista: reencontros***

Voltei para o teatro e a morar nele. Reencontrei com os amigos e tive mais contato com novos outros. Estava com saudades mesmo de todos. No segundo semestre, fui monitora junto com uma equipe para crianças e pré adolescentes no projeto ciranda Natalina colaborando para enfeitar a cidade com materiais recicláveis. Artistas de São Paulo vieram e deram oficinas num barracão onde eram confeccionados alguns cenários do teatro. A oficina foi ofertada para professores e nós envolvidos com o teatro. Eram em torno de 90 adolescentes e atenderíamos – no horário oposto em que estudavam para confecção destes enfeites e também trabalho de palco. Para mim, foi extremamente importante este rumo no trabalho por conta das trocas das relações humanas e minha busca para entrar na universidade. Trabalhei como monitora no MARP. Eu iniciava um cursinho no segundo semestre e tentaria algumas licenciaturas nos vestibulares.

Muitas vezes, eu saía do Teatro quando não estava em ‘horário de trabalho’ e estudava na casa de uma grande amiga, a Silvia Borges. Sobre meus encontros e reencontros não entrarei em muitos detalhes. Encontrei com um amigo André na rua perto

de um supermercado que me falou:

– Lu, vai lá na missa. Encontrar o pessoal.

Eu fiquei contente pelo convite. A possibilidade de rever o pessoal da época em que cantava na missa e com parte do pessoal do grupo de jovens seria muito bom. Fui, e, com certeza, fez bem para a alma, em todos os sentidos. E com isso, o que marcou foi o reencontro com o Du. Começamos a conversar caminhando a pé ele para casa dele e eu para o teatro e aí me emprestou um CD. Ele foi muito gentil como sempre. Depois fomos juntos no show do ‘Skank.’ Não demorou muito começamos a namorar e aí, comecei ou melhor, começamos (e não escrevo novamente, na primeira pessoa) a tecer uma caminhada nos unindo cada vez mais.

Foi o que me fortaleceu ainda mais enquanto ser humana.

Rememorar e refletir sobre este percurso me fez perceber quantas mudanças foram necessárias para encontrar um rumo para minha própria história. Aqui eu já estava com meus 25 anos, e ainda sonhando com a entrada na universidade.

São as aprendizagens que ocorrem paralelamente ao ensino convencional que formam o senso crítico. Mais do que isso, a consciência da importância de se ter tais experiências e a capacidade de formação de opinião, o que motiva por si a continuar esse processo de descobertas, criticidade e aprendizagem. (DONATO, 2014 p.89)

Esta fala acima acredito que tem tudo a ver comigo. A experiência de mudar de cidade e conhecer outras pessoas e modos de vida, me trouxeram uma vivência estética no sentido de tentar compreender e se sentir pertencente a algum lugar, a alguém.

Quando você nasce em algum lugar. Você é daquele lugar. Quando você mora naquele lugar, você apreende os hábitos daquele lugar. Quando você cresce em algum lugar, como disse uma vez professor Ronaldo: ‘você nasce todos os dias’ e com licença, me aproprio disso, o “tecido social” como também foi dito a mim, e que se forma com a relação com os outros e com as experiências vivenciadas. Observe como aprendi num processo intenso de final de mestrado. “O tecido social”.

Quando lembrei desta fala, quando escuto algo que se relaciona com a minha vida, me auxilia a renascer a cada dia, e possuir uma identidade e me sentir viva, e com a importância de se estar viva neste mundo, neste percurso. É a alegria de quem quer permanecer vivo e persistir.

No maravilhoso livro de Nouwen (2002), 'A volta do filho pródigo – a história de um retorno para casa' inicia narrando sobre o encontro com a obra de Rembrandt seu olhar, sua leitura com a obra vai tecendo sua própria vida, seus caminhos e suas escolhas. Ele se coloca na figura dos personagens da pintura e o Pai (Deus) está sempre presente. Na minha vida acredito nesta presença também, desde que me entendo por gente, por pessoa.

Narrar estas experiências como experiências mediadoras de uma experiência estética já está sendo um gigante experiência estética e em tão pouco tempo. A cada escrita, uma parada, uma reflexão, um choro, uma lembrança boa, um aprendizado, um sorriso e um ponto final que tem que ser dado.

*Entre 2005 e 2007.*

### **1. 15 Campinas**

Fui morar com o Du num apartamento em Campinas, interior de São Paulo. Num dia entre segunda e sexta-feira fui visitar uma amiga. Seu nome: Maíra. Ela cursava Artes Cênicas na Universidade Estadual de Campinas e foi professora no Teatro de Tábuas.

Entrei no Instituto das Artes, e aguardei esperando do lado de fora da sala de aula...Só ouvindo a cantoria. Escutei a aula de canto e pensei: como gostaria de participar. A Maíra me viu esperando ficou toda feliz e repetiu o convite.

– Vem Lu, fazer aula disso, daquilo outro – a Maíra.

– Eu queria fazer a aula de canto. – Lu.

– Aí, tem que falar com a professora. – Maíra.

Lá fui eu. Sempre tinha um pouco de vergonha misturado com uma coragem que não sei de onde vinha. Conheci e conversei com a maravilhosa professora Vânia Pajares. Ela fez o teste vocal. Olhou para os lados por conta do espaço e demandas, disse que eu poderia ir. Muito honrada em participar fiquei um ano e meio com esta turma como aluna ouvinte. Eu me sentia aluna mesmo, mais do que ouvinte, participante. Cantava e encenava, mergulhava na experiência das aulas.

### **1.16 Estudos e Dança**



Um dia falei para o Du:

– Vou prestar vestibular no lugar que você passar no concurso. Onde a gente for morar.

Época de estudos. O Du passou no concurso em Londrina!!! Alegria! Então, em julho, imprimi muitas provas anteriores da UEL e as fiz marcando o tempo. Dediquei-me. Minha amiga, Silvia Borges – artista plástica – me auxiliou a realizar a leitura e o perfil da prova. Foi muito gostoso ter este momento. Líamos e discutíamos a prova. Fiz neste mesmo ano algo que tinha muita vontade. Passava ao lado todos os dias voltando do supermercado em que trabalhava. Era a Academia de Dança chamada Karen Righetto Ballet era super perto onde morávamos. Eu ia a pé. Foi Jazz. Experiência deliciosa. Corria, pulava, mexia o corpo, errava os passos. Nunca fui muito coordenada... (risos), mas, eu me divertia tentando dançar. Ideias eram dadas, testadas.

Dançávamos com cadeiras. Dançávamos com bengala e chapéu. Viramos cambalhota. Eu me divertia. Uma delas era a música da Rihanna "Don't Stop Music". Eu e uma amiga (a Casssandra) com idade parecidas (as mais velhas, perto da casa dos 30), e o restante crianças e pré adolescentes. Apresentamos nuns três ou quatro locais, entre eles a sala de espetáculos 'Luís Otávio Burnier' em Centro de Convivência no centro de Campinas que na época ainda estava aberto. Foi interessante perceber as diferenças de espaços, em cada apresentação. Alguns espaços maiores e outros menores para dançar. Nos menores ficamos reduzidos, os movimentos ficavam reduzidos e nos espaços amplos era uma ocupação de espaço, amplo, delícia. Sensações indescritíveis!

No final de 2004 estava encerrando meus trabalhos com o Teatro de Tábuas com outras experiências e sentidos no âmbito de atender às pessoas, cuidar do espaço, participar das aulas e me envolver na monitoria com as crianças. Experiências que motivaram também para outras caminhadas a seguir, como buscar uma graduação ligada às licenciaturas.

Em 2005, o Teatro de Tábuas se mudou para Campinas, interior de São Paulo e está, atualmente, localizado na Rua Paulo Fabiane Sales, 186, no bairro Nova Aparecida. No mesmo ano, também fui para Campinas morar com o Du (Marcos Eduardo) que sempre foi meu incentivador na caminhada e ainda o é, ele me auxiliou a nascer e a

renascer enquanto pessoa a cada dia.

Foi mentor mega responsável, presença constante por me focar mais nos objetivos de entrar na faculdade. Não só isso, no modo de estudar também. Eu o observava. E admirava. Admiro sempre. Nesse momento, estava refletindo e traçando os caminhos de um futuro. Futuro de alguém que gostaria de estudar e constituir família. E como escolher entre tantas graduações? As que eu pudesse me encontrar mais? O que combinava mais comigo? O que eu poderia trabalhar depois?

Tudo o que vivi e vivo são experiências para além de mediadoras estéticas, construtoras ou constituidoras de uma identidade.

[...] A experiência implica a pessoa na sua globalidade de ser psicossomático e sociocultural: isto é, comporta sempre as dimensões sensíveis, afetivas e conscientes. A experiência se constitui em referencial que ajuda a avaliar uma situação, uma atividade, um acontecimento novo. [...] (Grupo de pesquisa em Mediação Cultural: contaminação e provocações estéticas, 2014, p. 65)

As experiências aqui narradas são fragmentos de intensas relações humanas presenciais, e poderia falar das relações humanas à distância e de suas peculiaridades, bem como outras pessoas também podem ou poderiam. O que eu penso e o que sinto disso atualmente, pleno século XXI, mas, no momento por conta do tempo que tenho não conseguirei estender neste momento.

Diante disso, retomo o foco, da pesquisa, sobre as experiências estéticas presenciais humanas, de diálogos, conversas, encontros, risadas, discussões, brigas, ações sentidos que fazem sentido e o que fizeram sentido em minha vida sempre me auxiliaram a tomar futuras decisões na caminhada que continuo nascendo todos os dias.

*Entre 2008 e 2013.*

### **1.17 UEL - Universidade Estadual de Londrina**

Passei. Passei no vestibular da UEL!!!!!! Assinar a matrícula foi assinar toda alegria e conquista. Pedagogia. Desbravei a UEL. Foi um dos melhores acontecimentos. Graduação na Universidade pública é plural, é diverso! Entro logo no primeiro ano num projeto de pesquisa e aí não paro mais. No segundo ano, Eliane Cleide, uma das queridas

professoras falou:

– Luciana vai lá nas Artes Visuais conhecer o pessoal e tentar a iniciação científica, você gosta...

– Pode?

– Pode sim.

Lá fui eu... conheci a Carla (Caju), o professor Ronaldo e outras pessoas também muito queridas. Mergulhei na leitura de relatórios de estágio de estudantes das licenciaturas em Artes Visuais, onde percebia e focava nas relações entre educadores e educandos. A cada leitura era a voz de uma pessoa eu estava ali para ouvir e tentar compreender a situação que já havia se passado há algum tempo.

O professor Ronaldo um dia me apresentou dia destes de encontros e discussões sobre a pesquisa a tese de doutoramento de João Francisco Duarte Júnior em “O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível”. Fiquei encantada e virei uma das fãs deste autor. Sensibilidade incrível percebida em suas escritas.

Nos últimos anos do curso de Pedagogia (foram 4 anos de curso) entrei no projeto que era no Museu Histórico de Londrina com a professora Sandra Regina. Que imagens mais lindas! As árvores gigantes. Era o início da cidade de Londrina sendo desbravada pelo homem no olhar do fotógrafo José Juliani. Fiz uma seleção de imagens e descrevia o porquê da escolha, numa pesquisa imagética para futuras outras pesquisas no âmbito da educação.

Aulas. Professores. Colegas. Amigas. Tomar café juntas. Lanches coletivos. Aprendizado. UEL repleta de árvores. Calçadão belo. Macaquinhos que apareciam famintos. Do nada eles saíram correndo de quem estava no calçadão. Tinha um líder deles ali só orquestrando a corrida, e nós? Corremos. Rádio UEL. Reuniões. Discussões. Crises existenciais. Coro UEL adulto (cantei lá também). Maravilha cantar com a Orquestra Sinfônica da UEL (OSUEL). Ensaios constantes. Mergulho nas letras e canções. Festivais de Música de Londrina. Inesquecíveis. Biblioteca Setorial. Biblioteca Central. Eventos. Semana da Educação. Congressos. Xerox. Interações humanas. Andar de bicicleta. Ouvir. Ler. Pensar. Falar. Silenciar. Caminhar. Andar. Desbravar. Amar. Amei, sim.

### **1.18 Maternidade e especialização**

Em nossas reflexões e conversas diárias o Du me incentivou:

– Lu, faz a especialização.

Fui lá eu. UEL. Patrimônio e História. Conheci pessoas de diversos cursos e lá vai a Lu iniciar ou continuar os trabalhos de Educação, Arte e História. Entro no Museu Histórico de Londrina. Antiga estação ferroviária. Cheiro de museu. Cores claras e cores escuras. Subo a escadas de madeira e me encontro numa sala enorme. De um lado um piano do outro uma mesa enorme destas de filme clássico. Bem comprida. Lá tenho o prazer de conhecer uma pessoa maravilhosa sensível demais, a professora Regina Alegro. Foi minha orientadora e que levo no coração para a vida.

Nasce meu primeiro filho neste processo. Sou mãe. Estou mãe. Enquanto ele dorme, eu estudo. Descobertas e desafios de uma primeira gestação. O amor vence a dor, eu dizia. O contemplar o bebê é o registro mais lindo do olhar. A dor foi passageira, dores passam, vão embora. Uma delas eu havia adquirido pós-parto, a Síndrome de De Quervain. Não era possível fechar a mão sem sentir a dor e eu a sentia. Isso... esta dor... todas as vezes que ia pegar o Luís. Por isso dizia:

– O amor é maior que é dor!

Fui num reumatologista excelente. E a solução seria: se não melhorasse durante uns seis meses eu poderia operar mas, preferi esperar. Durou um ano. Tinha dias que senti mais a dor, outros dias menos. A fisioterapia. As compressas ajudavam, mas, quem resolveu foi o Tempo. Outra aventura que o pequeno grande Luís me ajudou foi quando o seio cheio de leite entupiu. Tive febre. Tentei extrair o leite. Em vão. Quem me salvou? O próprio Luís. Mamou e mamou e mamou. Amamentar também foi um dos maiores momentos de conexão.

E no meio disso tudo, lia, estudava, o mundo não pára e há futura mudança à vista. De Londrina para Campinas. Termino a escrita da monografia. Minha apresentação da monografia no Museu Histórico marcou pelo lugar e pelas pessoas que estavam presentes. Minha vizinha querida Ilídia nos auxiliando com o Luís ainda pequeno e, no dia seguinte, retornamos à Campinas.

Emoção, correria da vida, animação e energia! Vida!

Esse tempo de graduação e vida em Londrina foram extremamente gostosos e instigantes para mim, pois eu não conhecia como era o dia a dia de uma Universidade. Tudo era novo e como tudo que é novidade me interessava. Sempre atenta ao que os professores falavam. Sempre atenta aos meus colegas, e alguns mais próximos que conversavam mais comigo iam na minha casa. Conseguia sentir e entender tantas demandas que a vida proporciona fora do universo da universidade. Mesmo trabalhando em período integral, tinha muitas colegas estudantes trabalhadoras fora da universidade.

Eu me sentia bem trabalhando de estudar... 'estudando', tentava, por conta de ganhar um valor simbólico de bolsa desde o primeiro ano. Confesso que tinha que me permitir conservar um pensamento assim, pois, às vezes, ter a oportunidade de estudar integralmente deveria ser para todos, mas, não é e nunca foi. Veja e relembre de quando entrei numa faculdade particular. Nem o horário para estudar foi me proporcionado e, infelizmente, também eu já havia passado por algo parecido.

Embora o discurso político de promover educação, saúde a todos seja muito bem divulgado em épocas de eleição, não é o que se vive na verdade, na sua totalidade. Os alunos de graduação são seres humanos que vivem numa mesma circunstância, na mesma sala de aula, mas em núcleos de vida diária completamente diferentes. Ou a pessoa nasce e cresce numa estrutura que lhe dê condições de apoiar integralmente nos seus estudos e em suas decisões e escolhas ou o ser humano vive correndo atrás e quase mendigando seus direitos, o que é deles por direito nesta sociedade terrena, embora nem sempre permitido por milhões de circunstâncias. Estudar. Escolher. Viver. Sentir.

No entanto, não vou me estender e nem entrar tanto no âmbito político embora eu sinta muito por tudo que seja contrário à própria liberdade, e à falta de respeito ao outro ser humano e ao restante do Universo.

O que mais desejo registrar são que as experiências mediadoras narradas como experiências estéticas que me auxiliaram a persistir e insistir em outros olhares, em nadar onde era possível e o quanto para mim era possível, para dizer que com alegria, vontade e amor tudo pode se transformar. Parece simples, mas, não é.

Um dos acontecimentos mais importantes nestes anos na UEL foram as interações humanas. Ouvir as pessoas, os projetos de pesquisa, e o conhecer cada autor, cada pessoa que fala na letra dos livros. Aprender a escrever de determinada forma num determinado momento. Dialogar com os autores. Apresentar o que eles falavam.

Vygogtsky, por exemplo, foi um encontro na universidade e no encontro de livro na prateleira de uma biblioteca como “A arte e a imaginação da infância”. Eu não estava procurando este livro, estava olhando vários livros. Encontrei e me encantei com este título me debrucei na leitura.

Em fase de escolhas, como as da temática do trabalho de conclusão de curso (TCC), os olhares começam a se afunilar para determinado local. Foco e caminhada a percorrer. O olhar muda conforme o que se busca ou se persegue, diria assim, mas a ideia era trabalhar com arte e educação.

Nos trabalhos de pesquisa foquei mais na área de museus, neste espaço onde adentro e nele faço uma pausa e um encontro com vida da sociedade lá fora dele. Pelos olhares dos artistas e pelo seu olhar. Leituras diversas. De certa forma, proporciona um olhar que redireciona para o mundo fora do próprio espaço do museu.

Na universidade tentei unir tudo que vivi antes e fui de encontro com autores. Eu ficava feliz em minhas leituras e ideias. Todos eles me auxiliaram a refletir sobre minha vida, formação enquanto professora que se constitui todos os dias da vida. “Penso que, como professores e mediadores, ao buscarmos compreender as nossas próprias experiências, abrimo-nos também à compreensão da experiência do outro.” (DEMARCHI, 2014, p.77)

Quando descobri o universo da teoria na universidade percebi que as práticas enquanto monitora de arte, educadora e o nomear de professora fizeram totalmente sentido para mim, se completaram. Havia uma discussão sobre a temática acerca de falas como “ah não adianta nada esta teoria” ou ainda, “na teoria é lindo, mas, na prática...”. Eu ouvia isso e ficava um pouco indignada. Estava no intensivo das leituras e algumas práticas, não as tinha vivenciado no sistema formal oficialmente, então, eu era do time que acreditava dos dizeres: “Teoria e Prática caminham juntas”. Sou deste time ainda. Acredito nisto. A teoria é extremamente importante, pois, não são os estudos da prática colocadas teoricamente no papel? Algumas que se parecem apenas discurso, teoria, mas, são na verdade, o registro do que acontece no mundo, no espírito, na alma desses destas mulheres e homens registrados no papel.

São formas diferentes de se compreender a pedagogia com autores advindos de experiências anteriores, das mais diversas e interessantes, os quais proporcionam a beleza de uma reflexão posterior, leitura e contato com suas escritas.

*De 2013 para cá....*

### **1.19 Campinas, encontros e reencontros**

Pós apresentação de monografia. Choros. Abraços. Voltar para o apartamento. Luís bebê. Comemoramos ali com a vizinha amiga Ilídia. Comemos juntos. Empacotamos coisas.

Os homens que fariam a mudança chegariam cedinho. Tinha muito por fazer. Cansaço. Peguei uns sacos e fui colocando tudo o que restava dentro. Dormimos exaustos. Apartamento é assim: morávamos no sexto andar. Espera o elevador. E a mudança demora um tempo considerável neste vai e vem. Carrega e sobe e desce de elevador.

O caminhão se foi. Nós ficamos para cuidar do apartamento. Limpar. O pintor chegou e deixou o apartamento novo. Chegamos pela madrugada em Campinas. A mudança, o descarregar o que trouxemos para cá, cerca de 30 a 40 minutos. Foi rápido. Amigos antigos de Campinas nos reencontraram e vieram nos ajudar junto a minha sogra e sogro que vieram de Caconde para nos auxiliar. Felizes por morarmos em cidade mais próxima.

Nas semanas seguintes, comecei a entrar em contato com o autor João Francisco, àquele que o Ronaldo tinha me apresentado a tese. Por e-mail. Prontamente e gentilmente ele me respondeu, quando de repente e para minha surpresa num dos e-mails (escrito mais ou menos assim):

– Ah, um casal recentemente mudou aqui ao lado da minha casa com placa de Londrina. Eu arregalei meus olhos e pulei de alegria! Que legal!!! E no dia que eu conheci pessoalmente contei toda história. Fiquei com vergonha também. Ainda tenho um pouco hoje em dia. Enfim, acho que ele não teve mais sossego, porque ele estava acabando de aposentar, mas, continuei a ler os livros dele e ainda falo e troco e-mail com ele sempre que possível. Pessoa extremamente querida e sensível que respeito muito.

Nesta volta a Campinas, levei no coração amigos e professores de Londrina. Cidade linda. E ainda nesta volta de encontros e reencontros nunca imaginei que conheceria pessoalmente o João Francisco, e muito menos que seria vizinha dele. Entre tantas conversas no portão, eu falava das minhas buscas e ainda metas de estudo e trabalhos.

Conversava com ele sobre as disciplinas que faria. Naquela época, fiz a disciplina com a professora Ana Angélica com aluna ouvinte, o que resultou na visita da minha professora da segunda série.

E a outra disciplina foi com a professora Lucia Reily em que estudava os autores que analisavam desenho de criança. Curiosa fui desbravar um pouco sobre estes autores, o que rendeu um debruçar no olhar sobre os Futuristas russos e a arte infantil que era um dos títulos para apresentação de trabalho. Apresentei junto com um colega. Tudo muito novo para mim. Desafiador e belo, mas, que me auxiliou até mesmo no meu olhar nos primeiros ‘rabiscos’ das crianças em casa e fora dela, certamente, meu olhar para os desenhos infantis não foram mais o mesmo.

Em 2014 mudamos de casa. Senti falta dos meus vizinhos, mas mantivemos contato e procuro encontrá-los quando possível. Gostaria de visitar assim meus amigos de Londrina. Saudades. Faz quase sete anos que estamos no bairro e nas interações que acredito que o mundo se move. Tenho que sair. Tenho que falar. Tenho que ouvir. O canto dos pássaros e as o mungo. Converso. Ligo. Mando e-mails. Realizo as experiências. Bondía (2002) traduz a experiência como aquilo que traz algum sentido para quem a vivência. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca (p.21). Alegria dos encontros e reencontros.

## **1.20 Maternidade e trabalho**

Estou grávida. Faço uma prova de concurso para professora do estado. Daí penso: “Irão me chamar muito depois que nascer o Vitor Hugo.” “Que nada. Passei. E a convocação foi antes dele nascer. O que fazer? Perguntas sem muitas respostas.

Nasceu neste processo o meu segundo meninão alegre da minha vida, Vitor Hugo. Coração dividido. Fui apoiada pela família e iniciei esta jornada. Tive o prazer de iniciar com uma turma de 3º ano. Foi bom pela interação e difícil porque não era o momento. Estava com muitas dificuldades e precisava de mais tempo para estudar e preparar as aulas e atender a toda diversidade da sala. Acordava toda madrugada para amamentar. Eu não estava habituada a esta empreitada. Tudo novo e uma dinâmica de trem-bala. Uau!



Duas crianças. Trabalho novo. Lugar novo. Demandas de escola pública novos.

O Du me levava de carro. Voltava de ônibus. Subindo a rua de casa escutava o choro do Vitor Hugo longe querendo mamar. Entrava escondida em casa para tomar banho. Vitor Hugo feliz, mamãe feliz. Refleti muito antes de tomar a decisão de exonerar. Falei muito com o Du. Não me sentia nem boa mãe, e nem boa professora. Exonerei. Fui lá na escola me despedir da criançada, foi só choradeira. Lembro deles com carinho e guardo os bilhetinhos. Grata por todos que tentaram me auxiliar naquele momento. O Vitor Hugo ficou feliz e eu também por ele. Agora ele mama tranquilamente, sem pensar que sua mãe sairá correndo pra trabalhar.

Somos humanos. No entanto, deixar levar pelas nossas experiências e permitir que as respostas venham com o tempo pode ser a melhor solução. Não me senti preparada para ser professora da sala de aula naquele momento. Não foi fácil entender isso. Demarchi, 2014, p. 76 cita Dewey, 2010, p.122 em seus escritos e fala que as experiências estéticas não se restringem apenas à 'beleza' e que pode ser algo 'sofrido'.

Percebo que foram experiências maravilhosas a de gerar mais um filho e ter a oportunidade de escolher. Se não pudesse realizar esta escolha, seria outra história. Então, por esta perspectiva da escolha e pela realização dela, vivi uma experiência que proporcionou aprendizados para a vida e que me orienta em outras decisões a tomar. Existo e persisto. Aprendo no dia a dia.

"A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas, as palavras verdadeiras, com o que os homens transformar o mundo." (FREIRE, 2011, p.108) Acredito nesta transformação. Cada professor é uma pessoa e cada pessoa tem sua história e sentimento dentro de si.

## VIDA

Quando soube por amigas via whatsapp que havia passado no processo seletivo do mestrado em dezembro de 2016, estava com um dos meus filhos no HC da Unicamp (Hospital de Clínicas da Unicamp). Não me lembro do horário. Hoje refletindo parece não ter horário dentro do hospital dependendo do ponto de vista. Quem está internado fica lá dentro e o tempo para quem está correndo simplesmente pára (do ponto de vista da acompanhante). Confesso que não sabia se ficava feliz, ou não, pois, eu ficaria mais feliz ainda se saísse logo do ambiente hospitalar. Então, a pergunta que faço é: qual a importância dos estudos diante alguns desafios, os quais, nos pegam de surpresa em nossa passageira vida terrena e que, nem sempre, ou quase nunca estamos preparados?

Hoje, depois de três anos posso tentar responder um pouco é que cada pessoa possui uma reação em relação a uma novidade ou ação ser tomada diante um desafio. Muitos me encorajaram a continuar, a me matricular no mestrado e estudar. Afinal, iniciaria no ano seguinte (2017). Ficamos duas semanas no hospital saímos de lá uma semana antes do Natal. Foi mais tranquilo depois que meu filho ficou bem, graças a Deus. Eu acredito nisso. Foi aprendizado para nossa vida. Se não há saúde, realmente, fica mais complexo estudar ou se concentrar. Se o corpo dói, ou se alguém próximo nosso está muito doente não há como prosseguir e se prosseguimos é por insistência. Acredito que desejamos viver e sobreviver e para isso precisamos um dos outros.

A importância de estudar é pra lá de fundamental, é persistência e resistência é fundamental para esta sobrevivência. Aprender a ler, a entender as entrelinhas e o que o leitor quer nos passar. Desafio constante. Desafio para quem lê, desafio para quem escreve. Se eu não tivesse realizado o curso de primeiros socorros oferecido pela Dedic (Divisão de Educação Infantil e Complementar) da Unicamp aos pais em 2016, bem próximo do dia em que meu filho passou mal pela primeira vez no meu colo no momento da visita no dia 18 de novembro, talvez eu tivesse agido de forma diferente, mas, fui movida pelo que aprendi.

Vejam a importância do curso oferecido, importância de eu ter comparecido no curso (achei difícil fazer a massagem cardíaca no boneco). Então, é mais que óbvio e o quanto é importante lermos, escrevermos e refletirmos em tempos que a educação ultimamente me parece ter sido um símbolo de resistência e persistência aos que amam e acreditam na vida.

A vida não pode ser tão desvalorizada. Educação é vida. E vida é o nosso dia a dia enquanto pessoas que buscam o bem-estar e o desenvolvimento do ser humano em toda sua plenitude em todos os sentidos.

O que salvou meu filho foi o amor, a educação, o tempo e a unidade entre as pessoas. Não era algo tão grave, embora tenha dado um bom susto em nós todos. Ele foi a alegria naqueles corredores naqueles dias no hospital cantando comigo em meu colo. A cada visita, nos era dada uma energia, um envolvimento e força para a cura e movimento de saída.

A gente pode levar alegria até nas coisas mais tristes do mundo, mas, com certeza vai uma “baita” energia. Esta energia que acredito só os menores, as crianças e os puros de coração tem em maior quantidades e é o que posso mensurar. Alegria na alma!

Meu primeiro mediador? Ainda refletindo sobre isto, mas, arrisco que seja a própria Vida a partir da minha concepção e daí renascendo todos os dias.

Brandão (1981) fala em ‘Educação? Educações: aprender com o índio aponta na carta dos índios divulgada por Benjamim Franklin (p.8) o quanto somos diferentes e temos concepções diferentes. Quando proponho nessas narrativas apresentar estes momentos em que tenho comigo algumas experiências de vida que são singulares, entenda caro leitor que, embora seja singular a minha experiência pode ser que você se identifique com alguma delas ou tenha vivido algo parecido, no entanto, esta será **a sua experiência**.

O que eu quero dizer é que o ato de ter experiência pode ser parecido ou igual a de outra pessoa, mas, a sensação, o sentido que tive em relação a dada experiência é singular, particular da pessoa.

Desta forma sendo diferentes, humanos diferentes e pontos de vista diferentes como mostra a carta do índios acredito que podemos nos colocar no lugar do outro e no mundo do outro se quisermos e tentarmos. Não é simples. É um desafio. Para quem não viu este livro do Brandão (“O que é educação”), sobre a carta vou escrever aqui resumidamente, ela traz uma resposta ao convite dos ‘brancos’ realizada aos índios para estudarem em suas escolas. A resposta é linda do meu ponto de vista. Se eu quiser, posso até ler a carta e pensar que no final os índios foram grossos ou cínicos, mas, eu gostei da resposta e a senti ‘linda’.

Eles agradeceram ao convite, mas disseram que, quando os índios voltam lá

da escola dos 'brancos' (estou resumindo) não conseguem sobreviver à floresta (que é onde vivem). Não correm, não caçam, enfim, **não são úteis** (grifo meu). Palavras deles. Daí, um outro convite é realizado dos índios aos brancos. Se quiserem enviar alguns dos brancos, **fariam deles, homens'** (grifo meu). Não é uma resposta daquelas?

Por que ousar pensar se uma educação é melhor do que a outra? Não sei se foi este o pensamento dos 'brancos' da época, mas, que tem muita confusão hoje no século XXI, tem. As discussões não são tão ruins, muito pelo contrário nos auxiliam a refletir e a defender o que acreditamos. Acredito na sobrevivência da educação, na experiência, na possibilidade de escutar o outro e ajudá-lo. É o que o mundo precisa.

## 2. A sensível experiência: alguns registros e reflexões

Walter Benjamim (1987) apresenta em suas reflexões acerca da experiência por meio de uma parábola em que um velho conta, aos seus filhos, sobre a existência de um o tesouro nos vinhedos que possuem. Após a morte do velho, os filhos começam a cavar e não encontram o que foi dito. Após um tempo, com a chegada do Outono, as vinhas produzem mais do que toda região. “Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho.”

E o autor diz ainda, acerca da experiência:

Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: “Ele é muito jovem, em breve poderá compreender”. Ou: “Um dia ainda compreenderá”. Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? [...] (BENJAMIM, 1987, p. 114)

Acredito nesta partilha de experiência. Quando é possível compartilhar a experiência vivenciada, quando há pessoas que aprenderam a falar e a escutar e vice-versa. Quando tenho a compreensão de que não aprendo sozinho.

Em novembro de 2018, a Silvia Borges e o Tiago Kávyla, ambos amigos desde a época que trabalhei no teatro, viajamos juntos para visitar alguns espaços ligados à arte no Rio de Janeiro. O Kávyla permaneceu no espaço grande e belo da Fundação Progresso. Silvia e eu aproveitamos para conhecer um pouco do espaço e do trabalho cultural que acontece por lá. Ele fica situado ao lado do Arcos da Lapa, próximo de onde estávamos hospedadas. Pelo pouco que compreendi é um espaço em que acontece

eventos artísticos e culturais. Teatro, música e também exposições de trabalhos como os que vimos relacionados ao meio ambiente. Materiais feitos com bambu. Gangorra. Outro que parecia uma cabana, tudo muito lindo e interessante de se ver.

Andamos muito. A Silvia estava bem animada a realizar as visitas todas pelas caminhadas, (a pé) e assim exploramos alguns locais. Na Biblioteca Nacional ficamos um bom tempo por lá, e conseguimos uma visita guiada pelos espaços da Biblioteca. No local onde estão os livros, só é possível entrar até próximo a porta e tirar algumas fotos. Um senhor que estava lá (acredito funcionário) se ofereceu pra fazer algumas que ficaram bem interessantes, misturava nossa imagem retratada com os livros na prateleira.

Fiquei impressionada com a beleza do prédio, da organização, da monitoria realizada e gentileza do pessoal da biblioteca. Eu estava com conjuntivite, não sabia se era alérgica ou não, então, tinha os momentos de paradas para pingar colírio. E aí, quando entrei no espaço da pesquisa, falei sobre meus olhos para o pessoal de lá. A moça foi super gentil. Me cedeu luvas. Tinha uma mesa linda, gigante, antiga, de cor escura, forte. Destas que fiquei com vontade de olhar somente e continha apenas uma bolsa em cima dela. Para minha surpresa pediram para retirar a bolsa e a mesa ficou para nós. Falei que não precisava, mas, insistiram na delicadeza e cuidado. Admirei a atitude delas. Fiquei lisonjeada.

Não pretendo neste momento narrar todos os lugares que visitamos, mas, apresentar algumas de nossas visitas e experiências que promoveram tantas experiências estéticas que não sou agora capaz de descrevê-las ou contá-las por inteiro. No Museu Belas Artes do Rio de Janeiro, o encantamento continua em relação ao prédio, às construções, à construção, o espaço amplo. Ao mesmo tempo em que me impressiono, fico um pouco inquieta com as pomposidades; no entanto, sabemos que os prédios têm seu contexto histórico e que esta força e beleza na construção. Toda a beleza dos prédios, museus, biblioteca, teatro contrastam com a pobreza e miséria que estão

vivendo seres humanos como nós. Não tem como eu não ficar indignada. Chateada. São muitas pessoas. E isto me deixa um tempo na reflexão. São pessoas, seres humanos e cada uma tem sua história e experiência. Fico inquieta e incomodada com essa desigualdade cruel.

Caminhamos num outro dia até a Igreja de Nossa Senhora da Candelária (Figura 13) , que naquele momento ela estava fechada e conseguimos olhar apenas no lado de fora. Em frente à Igreja tem um símbolo para lembrar a tragédia que levou a vida de muitos jovens. Não desejo me estender aqui.

Do outro lado da rua, na diagonal, avistamos o Centro Cultural do Banco do Brasil - CCBB e visitamos a exposição de Jean-Michel Basquiat<sup>1</sup>. Eu não lembrava da história dele e fiquei impressionada ao ouvir e ver o vídeo e as obras. Basquiat<sup>2</sup> nasceu em 1960 e desde pequeno já mostrava seu interesse pelas artes. Ainda criança fora atropelado e teve um dos seus braços dilacerado. Depois que saiu da casa de seus pais chegou a morar nas ruas e sempre conviveu realizando suas artes.

---

1 Disponível em: <http://www.basquiat.com/artist.htm#>

2 [https://www.ebiografia.com/jean\\_michel\\_basquiat/](https://www.ebiografia.com/jean_michel_basquiat/)



**Figura 13.** Igreja de Nossa Senhora de Candelária, Rio de Janeiro. Novembro de 2018.

Arquivo pessoal. Foto: Luciana Mesquita e Silvia Borges<sup>3</sup>

Ele trabalhou com muitos outros artistas, entre eles Andy Warhol que o auxiliou muito em suas experiências e expansão no reconhecimento e trabalhos. Com a morte de Warhol, Basquiat ficou um pouco perdido e acabou aumentando suas doses e consumos de droga e veio a falecer em 1988. Conte aqui resumidamente o que se encontra com maiores detalhes em [https://www.ebiografia.com/jean\\_michel\\_basquiat/](https://www.ebiografia.com/jean_michel_basquiat/). Quando escuto ou

---

<sup>3</sup> Silvia Borges é artística plástica formada na Universidade de Ribeirão Preto- UNAERP, restauradora e fotógrafa, além de mediadora atualmente, dos artistas que realizam suas exposições na Galeria Boca do Leão em Águas da Prata-SP.



leio a história de um artista tenho uma determinada sensação e posso relacionar alguns fatos que vivenciei como sair para algum lugar, mudar de cidade, ir ao encontro de alguém, nas narrativas anteriores descritas por mim, são vividas por mim, sensações minhas. A relação que faço é que, todo ser humano passa por uma experiência que é só dele, mas, na interação meu movimento minha experiência acaba por atingir outras pessoas. As experiências possuem movimento.

Para quem tenta pensar sobre a sensibilidade, sobre a experiência estética, seria assim visto por uma obra de arte, pela história de vida de cada pessoa, a história escrita de uma profissão exercida, uma experiência registrada, pode ser mediadora de outras experiências que por sua vez proporcionam outras experiências estéticas.

Ao continuar nossa caminhada chegamos próximo ao Museu do Amanhã e Museu de Arte do Rio de Janeiro. Chegamos na beira da orla e vimos o mar. Ao me aproximar fiquei triste por observar tanto lixo na água. Tenho a sensação triste do contraste da beleza e da pobreza. (**Figura 14**).

A sensação de que precisamos de arte neste mundo, com urgência e sempre. De todas as manifestações de arte e que as crianças tenham este contato e auxiliem aos adultos a perceber que o aquele mais próximo de nós precisa de cuidado.

A questão de preservar o patrimônio, que é a vida, sempre necessitou desta interação humana, interações entre os homens e natureza, deste olhar que observa, que cuida, gentil. Não olhar apenas para si, mas, o que este olhar para si mesmo que também proporciona benefícios pode realizar para o outro. Desta forma um olhar para o mundo ao entorno.



**Figura 14.** Encosta do Mar em Rio de Janeiro, próximo ao Museu do Amanhã e Museu de Artes do Rio de Janeiro. Novembro de 2018. Arquivo pessoal. Foto: Luciana Mesquita

Era muita sujeira. Pensei. Diante da (**Figura 15**), o olhar do bem-te-vi é outro, o meu olhar para ele é outro. Nesta imagem nem vimos o lixo. E é no mesmo lugar. São formas diversas de se olhar e como olhar o mundo. A beleza do pássaro também me atrai, seu canto. O que me entristece é a falta de respeito com o mundo. Preciso muito aprender a contribuir para a educação e acredito nestas experiências estéticas.



**Figura 15.** Bem-te-vi olhando. No mesmo local da imagem anterior.

Arquivo pessoal. Foto: Luciana Mesquita

Depois de um tempo observando um navio atracar, olhando e refletindo, continuamos a nossa caminhada. Nós caminhamos muito pelas ruas e à beira do mar em experiência de contato com a natureza exuberante da cidade (Figuras 1 e 2). Fomos adentrar ao Museu de Arte do Rio de Janeiro<sup>4</sup>. Que maravilhas! Senti a sensação de estar

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://museudeartedorio.org.br/o-mar/escola-do-olhar/>

mais presente na exposição. Novembro de 2018, um Brasil de lutas e lutas constantes na educação, saúde, econômicas, de sobrevivência.

Aqui colocarei algumas exposições que me chamaram a atenção. Sobre a exposição **“O Rio do Samba: resistência e reinvenção”** (grifo meu) encontro-me um pouco no que lembro sobre o encontro com a história do Brasil e a história de uma luta, sensação de que ainda preciso aprender muito.

01/04/2018 – 30/04/2019

Curadoria: Nei Lopes, Evandro Salles, Clarissa Diniz e Marcelo Campos

A mostra de longa duração ocupou o museu por um ano, dos pilotis à Sala de Encontro, e teve como espaço principal o terceiro andar da instituição, área dedicada a investigar a história do Rio de Janeiro. Para explorar os aspectos sociais, culturais e políticos do mais brasileiro dos ritmos, os curadores Nei Lopes, Evandro Salles, Clarissa Diniz e Marcelo Campos reuniram cerca de 800 itens.

A história do samba carioca desde o século XIX até os dias de hoje é contada através de obras de Candido Portinari, Di Cavalcanti, Heitor dos Prazeres, Guignard, Ivan Morais, Pierre Verger e Abdias do Nascimento; fotografias de Marcel Gautherot, Walter Firmo, Evandro Teixeira, Bruno Veiga e Wilton Montenegro; gravuras de Debret e Lasar Segall; parangolés de Helio Oiticica, e uma instalação de Carlos Vergara desenvolvida com restos de fantasias. O prato de porcelana tocado por João da Baiana e joias originais de Carmem Miranda são algumas das raridades em exibição.

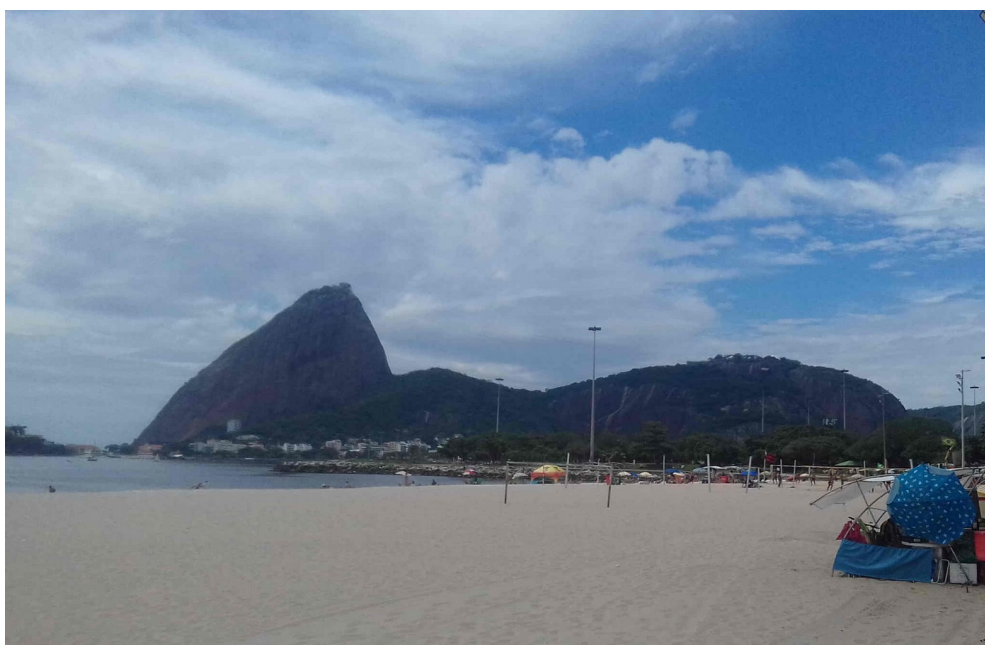
Cinco obras foram comissionadas pelo MAR, especialmente para “O Rio do Samba”. A convite dos curadores, Ernesto Neto e o carnavalesco da Mangueira, Leandro Vieira, criaram uma instalação interativa, que teve lugar de destaque na Sala de Encontro.

Jaime Lauriano realizou uma intervenção logo na entrada do museu, gravando nas pedras portuguesas do chão dos pilotis os nomes das etnias africanas escravizadas no Brasil. A passarela que leva o visitante à sala de exposições foi tomada por letras de música que falam sobre o próprio samba e ambientada por uma peça sonora criada pelo músico Djalma Corrêa, inspirada na batida do coração. Gustavo Speridião ocupará uma parede com uma obra inspirada na geografia do samba no Rio e João Vargas apresentará uma vídeo instalação sobre o samba enquanto dança do corpo individual e coletivo. (<http://museudeartedorio.org.br/programacao/o-rio-do-samba-resistencia-e-reinvencao/>)

---



A possibilidade de revisitar um pouco da exposição pela internet auxilia com as próprias palavras de quem trabalhou, mergulhou neste processo de construção e aproximação maior com a obra transpassar estas experiências. As salas são enormes e as temáticas da exposição foram extremamente exploradas com adereços, quadros, pinturas e objetos. O que ocasionava também um excesso de informações. Às vezes, ficava perdida com tantas informações e riqueza. Belíssima exposição que proporciona força e apresenta a resistência, persistência do movimento de um povo que deseja possuir identidade. Esta oportunidade que tive de estar no museu me proporcionou o encontro – como disse já disse em páginas atrás, o encontro com o que acontece fora daquele espaço. É uma pena eu não conseguir lembrar para além, e descrever aqui, mas, fica a vontade de rever. A sensação de quando você começa a ler um livro e gosta dele. Não quer parar. Ou quer lê-lo novamente um dia. Serão outras descobertas outras informações, outras experiências marcadas na alma. Vejo aqui, nas minhas memórias, os tambores pendurados. Não lembro se cheguei a tocá-los. Música. Movimento. Interação.



**Figura 16.** “E continua lindo...” registro de nossas caminhadas. Novembro 2018. RJ.

Arquivo pessoal. Foto: Luciana Mesquita

Em “**Arte Democracia Utopia - quem não luta tá morto**”, o próprio título já nos traz inúmeras reflexões. Na minha interpretação, rememorando Novembro de 2018, época de eleição, pela luta pela permanência da arte, da inclusão, do sonho de ter um trabalho e que não seja escravo, pelo sonho de estudar, ter um chinelo pra calçar, dignidade e o direito de ter escolha e ser respeitado. Que corajosos estes que pensaram em tal exposição:

Quem não luta tá morto é frase gritada por muitas e muitos dos que teimam em construir, em estado de constante disputa, lugares e tempos mais generosos e inclusivos. É frase dita bem alto, em particular, por aquelas e aqueles que buscam fazer valer, no Brasil, o direito constitucional à terra e à moradia. Frase que sintetiza a certeza vital que move a construção utópica: a impossibilidade de estancar a busca do que se deseja e do que se precisa. Mas se a única alternativa à morte é a luta, é dolorosamente claro que a luta não impede a suspensão da vida, que quem luta também morre – com frequência justo por sua combatividade, por sua gana de inventar um mundo mais largo. Gente que é morta por querer impedir as mortes lentas que a existência precária fábrica, espelho das desigualdades abissais que fundam e estruturam o país. As mortes de quem luta se transformam, por isso, em imperativo ético de resistência para quem fica; de fazer valer, a despeito de tudo, o valor da vida.

(Disponível em:

<https://www.museudeartedorio.org.br/pt-br/exposicoes/anteriores?exp=5300>)

Este encontro com as exposições que apresentam a vida e falam dela. Outra sala que abriu em novembro de 2018 se chama “**Mulheres na Coleção MAR**” (grifo nosso). Ela traz a força da experiência das mulheres e a possibilidade de propor este diálogo entre as mulheres. Não é possível rememorar em palavras de quem eram as obras e a quem às obras pertenciam. Eram muitas. Muita informação. Informação e beleza juntas. Algumas causavam estranhamento. Algumas vezes, tristeza; outras,

alegria. Deixo aqui um pouco do registro sobre a construção da exposição e suas preocupações com a representação da mulher no espaço do museu e nas próprias obras. Preciosa relação para os que trabalham no espaço museológico.

[...] Pela primeira vez na história do MAR, a curadoria foi realizada a partir de um processo colaborativo que envolveu mulheres de todos os setores do museu, entre seguranças, recepcionistas, produtoras, auxiliares administrativas e de serviços gerais, advogadas, jornalistas, designers, museólogas e gestoras. Em uma série de encontros realizados ao longo de dois meses, sob a orientação da equipe de conteúdo, as funcionárias trocaram experiências de vida e de trabalho, conversaram sobre o universo feminino e a respeito das múltiplas representações da mulher na arte, nos espaços culturais, na família e na sociedade.

O grupo também foi apresentado ao conceito da exposição e a uma série de obras de artistas mulheres presentes na Coleção MAR. E experimentou exercícios de curadoria, selecionando trabalhos de acordo com os desejos e conceitos mapeados nos encontros e norteando a curadoria da exposição. “Mulheres na Coleção MAR” está dividida em cinco núcleos significativos: Retrato/Representação, Corpo Político, Cidade e Paisagem, Abstrações e Poéticas. (Disponível em: <https://museudeartedorio.org.br/programacao/mulheres-na-colecao-mar/> Acesso em: 06 set. 2019)



**Figura 17** Paisagem natural. Rio de Janeiro- Novembro de 2018.  
Arquivo pessoal. Foto: Luciana Mesquita

Quando acesso o site do Museu também é possível conhecer um pouco mais do trabalho que realizam e descubro que nesta perspectiva de interagir com o público, o Museu de Artes do Rio de Janeiro possui a “**Escola do Olhar**” (grifo meu) ela é:

[...] um polo de pensamento e de formações permanentes, voltado especialmente para a prática e a reflexão a partir das relações entre educação e arte. Suas ações buscam aprofundar a dimensão pública do museu, bem como colocar em debate as questões emergentes nos campos da arte e da cultura na contemporaneidade.

Desenvolvidas em articulação com os diferentes setores do MAR e em colaboração com diversas pessoas, grupos e instituições, as atividades da Escola do Olhar dão lugar a processos experimentais de criação artística e pedagógica, que visam potencializar as capacidades de cada ser humano, assim como as múltiplas formas de aprender, gerar e partilhar conhecimento coletivamente. [...]

(Disponível em: <https://museudeartedorio.org.br/o-mar/escola-do-olhar/>, acesso em: 05 set. 2019)

Entendo que, a partir das interações e nas experiências que as pessoas que estão envolvidas ao montarem às exposições possibilitam além de obterem suas experiências estéticas me proporcionou e acredito para muitas outras pessoas experiências estéticas que ficaram registradas até mesmo no inconsciente. Pode ser que eu tenha perpassado por alguma obra entre muitas que naquele momento não tenha dialogado comigo; entretanto, num próximo encontro pode ser que ocorra a interação.

Esta existência da Escola do Olhar me parece um local de resistência nos tempos atuais. Local de sentidos, repleto de sentidos e que dá sentidos. Que move. Que é vivo. Humanos sensíveis e comprometidos.

Nestas experiências e visitas no museu, foram realizadas dentro de um tempo que era para nós possível e entraria vários fatores tais como se está cansado no momento, se foi em outros lugares antes de adentrar ao museu. É claro que para mim – e para cada pessoa – o tempo, o relógio, as horas irão se passar de acordo com a disponibilidade e condições de cada pessoa.



Bondía (2002), fala da falta de tempo e excesso de trabalho como certos obstáculos ao fator experiência, ligados à dificuldade de sentir o que se vive. Até mesmo, neste caso da pesquisa que houve grandes transformações no início e processo de escrita e rememoração. Reviver cada história narrada e realizar as escolhas de história a ser registrada. A experiência de se reescrever e se encontrar se enxergar na própria escrita.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

Bondía (2002, p. 27) afirma, ainda, que “o saber da experiência só tem sentido no modo como configura na personalidade, a sensibilidade, na própria experiência vivida pela pessoa, numa forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (estilo) [...]”. Desta maneira realizo uma interlocução em Santos (2008, p.19 e p.29), autor que destaca a importância da arte no desenvolvimento da personalidade das crianças, mais precisamente “do ‘para quê’ das expressões artísticas no ensino básico”, e aponta quais são os aspectos relacionados a “criança e adolescente em situação escolar.”

[...] 1) Desenvolvimento harmonioso;  
 2) Apuramento da sensibilidade e da afetividade;  
 3) Aproveitamento noutras matérias escolares;  
 4) Equipamento experiencial para a vivência artística;  
 5) Enriquecimento expressivo na formação artística.  
 É hoje quase luga- comum a referência à importância das actividades expressivo- artísticas no desenvolvimento “harmonioso” da pessoa humana. [...] (SANTOS, 2008, p. 29)

Não se trata, portanto, de discutir o que é o espaço museológico ou ainda dizer se as obras expostas são belas ou feias. Venho apenas falar um pouco da

sensibilidade que há dentro das pessoas e, um pouco das minhas experiências, e como aponta Duarte Jr., (2009, p. 81), investigar “as reações do espectador perante a arte” e incentivar o diálogo entre as pessoas. Num diálogo saudável, com os momentos de fala e de escuta. Eu, enquanto mãe, professora, educadora, pesquisadora posso promover um exercício no meu próprio olhar, no meu modo de ser, procuro dialogar e embarcar nestas experiências vividas narradas.

Vygotsky (2009) apresenta como o processo da imaginação pode ocorrer no ser humano.

Chamamos actividade criadora a toda a realização humana responsável pela criação de qualquer coisa de novo, quer corresponda aos reflexos deste ou daquele objecto do mundo exterior, quer a determinadas construções do cérebro ou do sentimento que vivem e se manifestam somente no próprio ser humano. [...] Poderíamos chamar a um deles reprodutor ou reprodutivo: este encontra-se habitualmente ligado à nossa memória; a sua essência reside no facto de o homem reproduzir ou repetir normas de conduta já criadas elaboradas ou ressuscitar traços de impressões antigas. [...]

É fácil compreender a enorme importância que ao longo da vida do homem tem a persistência da sua experiência anterior, a medida em que isso o ajuda a conhecer o mundo que o rodeia, criando e promovendo hábitos permanentes que se repetem em circunstâncias idênticas.

[...] o nosso cérebro e os nossos nervos, dotados de uma enorme plasticidade, modificam com facilidade a sua estrutura extremamente fina sob a influência de diversas pressões, mantendo a marca dessas modificações contanto que as pressões sejam suficientemente fortes ou se repitam com bastante frequência. [...] O cérebro não se limita a ser um órgão capaz de conservar ou reproduzir as nossas experiências passadas. Se a actividade do homem se reduzisse a repetir o passado, o homem seria um ser virado exclusivamente para o ontem e incapaz de se adaptar a um amanhã diferente.(VYGOTSKY, 2009, p.9 e p. 10)

Compreendo que somos capazes de aprender, que sou capaz e que existe a possibilidade de mudar. Haja vista um pouco do processo desta escrita e exercício de rememorar no capítulo anterior experiências vividas há muitos anos e trazê-las à tona de forma acessível. Houve choro, e também resistência e persistência.

Nestas pequenas reflexões dentro do que é permitido e nas circunstâncias em que se vive num conjunto de regras estabelecidas para determinada ação, há sempre um espaço para criação.

Neste momento, por meio desses registros em minha experiência de estar por inteira nos espaços instigo aqui um olhar atento ao patrimônio que se tem ao redor, a possibilidade de poder se expressar por meio desta pesquisa. “Chamamos de Educação Patrimonial o processo permanente e sistemático de trabalho educativo, que tem como ponto de partida e centro o Patrimônio Cultural com todas as suas manifestações.” (GRUNBERG, 2005, p.5.)

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. (BONDÍA, 2002, p. 27)

Bondía (2002) aponta o fato de a experiência ser “singular”, própria de cada ser humano. Compartilhei resquícios do que vi e senti nestas visitas, gostaria de já ter colocado imagens aqui... até o momento desta escrita não as encontrei, embora saiba que realizei os registros fotográficos. Aflição por não encontrá-las, pois elas me auxiliariam a rememorar outros aspectos da própria experiência da visita: são muitas informações, sensações das mais diversas que realmente fica complicado descrever sem ter aqui apresentadas as imagens. Peço desculpas ao leitor. Acerca das minhas reflexões segue um trecho da crônica de Clarice Lispector “Brincar de pensar”:

A arte de pensar sem riscos. Não fossem os caminhos de emoção a que leva pensamento, pensar já teria sido catalogado como um dos modos de se divertir. Não se convidam amigos para o jogo por causa da cerimônia que se tem em pensar. O melhor modo é convidar apenas para uma visita e, como quem não quer nada, pensa-se junto, no disfarçado das palavras.

Isso, enquanto jogo leve. Pois para pensar fundo que é o grau máximo do *hobby* – é preciso estar sozinho. Porque entregar-se a pensar é uma

grande emoção, e só se tem coragem de pensar na frente de outrem quando a confiança é grande a ponto de não haver constrangimento em usar, se necessário, a palavra outrem. Além do mais exige-se muito de quem nos assiste pensar: que tenha um coração grande, amor, carinho, e a experiência de também se ter dado ao pensar. Exige-se de quem ouve as palavras e os silêncios – como se exigiria para sentir. Não, não é verdade. Para sentir **exige-se mais**. (p. 23 e p. 24, grifo meu)

Como é bom ler isto acima. Aliás, encontrar o livro de Clarice Lispector na Faculdade de Educação rendeu o pouso de uma borboleta em meu braço, que me rendeu a transformação inicial deste trabalho. Depois volto a falar sobre essa experiência estética poética.

Quando me possibilito a visita à exposição, ou quando estou atenta ao que foi dado como experiência, o meu olhar ao meu redor possibilito no tempo que foi dado o que Grunberg (2007) coloca como “observação, registro, exploração e apropriação” no espaço visitado. No diálogo permanente que permeia esta experiência, “*exige-se mais*” e ocorre o desenvolvimento dos sentidos que podem aflorar os sentimentos de guarda e preservação patrimonial para além de um objeto.

### 3. O estar e o sentir em si mesmo e nos lugares

Por onde passo, meu corpo e meu espírito se relacionam com o que está ao redor e o fato de sentir, ouvir, inspirar e expirar, deixar a mente se relacionar com os espaços, me proporciona o despertar. Ao observar a natureza, (**Figuras 18 e 19**) a arquitetura dos prédios, dos museus, das cidades, das praças, entro um pouco nas reflexões em relação ao que sinto quando estou nos lugares e os sentidos internos e pessoais.



**Figura 18** Natureza no espaço externo na Boca do Leão - Galeria Bonfante<sup>5</sup>  
Arquivo pessoal. Foto: Luciana Mesquita

Acredito que o ser humano é 'livre' na medida do possível e do que a sociedade permite. Escrever neste momento a respeito de transformações significativas é um repensar sobre si mesmo é o ato de aprender a me posicionar. Um aprendizado. Sou um ser humano e, portanto, capaz de aprender. Tenho possibilidade de realizar escolhas e a não ser induzida a uma educação que não me auxilie a voar ou criar. Eu sou, nós somos sujeitos pensantes e o contato com a arte possibilita sentir e vivenciar nosso entorno de forma sempre reflexiva e quiçá inovadora. Ela contribui para novas percepções

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/galeria.abonfante>

e criações.

[...] Não basta (e é até irrelevante) fornecer informações técnicas a alguém acerca dos elementos e da forma de construção de trabalhos artísticos para que esse alguém possa ter com eles verdadeiras experiências estéticas. Sem a vivência continuada perante tais trabalhos, não se aprende o código e, conseqüentemente, não se aprende o verdadeiro sentido estético. (DUARTE JÚNIOR, 2010, p.42)

Quando tive a experiência de realizar as pesquisas na iniciação científica, por volta de 2010 e 2011, analisando imagens registradas por um dos fotógrafos pioneiros da cidade de Londrina, José Juliani, experimentei a sensação a cada escolha de imagem realizada e a possibilidade de dizer o porquê das escolhas. As fotos eram em branco e preto. Aquelas árvores gigantes e aqueles desbravadores pioneiros da cidade. Os encontros. Foi uma experiência sensível.



**Figura 19.** Museu Histórico de Londrina. Brincadeiras no Museu.<sup>6</sup>

O Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss” me leva a contemplar.

---

<sup>6</sup> Foto enviada pela querida professora Dra Regina Célia Alegro.

Acredito que leve à contemplação todos que estão dentro dele, fora dele ou mesmo aqueles que passam em frente a este encantador espaço. Por conta do andar, caminhar, encontrar as pessoas, interagir com, é o que importa. É esta troca que sensibiliza e instiga. No despertar que motiva o renascer de um olhar sensível. Se uma pessoa nunca entrar num museu, num arquivo, numa biblioteca, numa discoteca, num teatro, numa piscina, numa padaria ou não ir até uma praça, não terá oportunidade de sentir algo nestes lugares.

Demarchi, 2014, em relação à estética e a experiência aponta:

[...] Dewey também promove o encontro entre o sensível e o intelectual ao defender que o caráter estético é inerente à experiência, independente de se tratar de obras de arte ou não, embora suas ideias sejam sensivelmente contaminadas pelas reflexões oriundas da arte.[...] (DEMARCHI, 2014, p.70)

Nestas reflexões sobre minha experiência de vida não tão longa ainda, mas, com algumas delas intensas em tão curto espaço de tempo, e estudos voltados para um espaço repleto de memórias de luta, persistência, percebo que os comportamentos se transformam conforme o contexto histórico-social em que se vive. Não aprendo apenas com os espaços. Aprendo nas relações, nas interações humanas com o mundo.

Quando penso em escola, penso num lugar vivo. As pessoas que ali se relacionam trazem consigo vozes, suas próprias experiências e vivências. O mesmo ao pensar na universidade. Lugar de discussão. Pluralidade. Diversidade. Liberdade de expressão. Sentidos à flor da pele.

Se você entra numa sala com janelas grandes ou pequenas e sabe um pouco da história de sua escola, podemos supor que há uma certa postura, caso contrário, pode ser que seja apenas um 'locus' de trabalho ou de 'assistir' aula. Esta reflexão me levou à outras perguntas: Para que os alunos costumam ir à escola? Por que ser professor? Para quê? Fazer essas perguntas e refletir sobre elas talvez seja algo muito importante, muito mais do que respondê-las. É importante entender que a escola também é um espaço político de disputas e se constitui com pessoas.

A escola ou universidade deve ser vista como possibilidade de uma educação

sensível, que valoriza a sensibilidade e a história de cada pessoa que está neste local a trabalho ou estudo, num momento de aprendizado contínuo.

Agora é imprescindível que notemos um fato bastante importante a respeito do principal sistema simbólico que empregamos, a linguagem. Esta é fundamentalmente conceitual, linear e discursiva. Conceitual porque organiza nossa percepção do mundo fragmentando-o e classificando as coisas em classes gerais: os conceitos. Por exemplo: mesa. Mesa é um conceito que diz respeito a um objeto formado por uma superfície plana apoiada sobre pés e que permite realizarmos sobre ela uma série de atividades. Sob o conceito mesa estão abrigadas todas as infindáveis mesas do mundo.

Entro num salão e me deparo com uma mesa do século XVIII, que me fascina pela beleza de seu estilo. Se quiser descrevê-la, falar sobre esta mesa em particular, tenho de ir agrupando e articulando, através da linguagem, uma série de outros conceitos. Digo que ela é de madeira, com frisos de ouro, recoberta por um verniz escuro, tem a forma retangular, os pés torneados e trabalhados, etc., etc.

(DUARTE JR.,2009, p.26 e p.27)

E ainda,

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável), toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor.[...] (BAKTHIN, 2000, p. 290)

Para isso, acredito que seja necessário uma relação dialógica num interação entre o ouvinte e o locutor, ou seja, num processo de fala e escuta nos espaços da escola ou universidade em que aluno se constituem professores e futuros professores se constituem alunos.

A estética está ligada à beleza que todo trabalho de registro escrito, fotográfico, entre outras ações que promovem o pensar, auxiliam no processo de reflexão de todos envolvidos com o respeito entre as pessoas.

Duarte Júnior (2010, p. 43) traz como reflexão no livro “A Montanha e o



Videogame": "Há três dimensões na educação estética quando realizada por meio da arte: a experiência, a autoexpressão e a reflexão. A única imprescindível é a experiência."

#### 4. Algumas considerações

Conheci o escritor Schiller (2002) por meio das leituras do curso de especialização em Patrimônio e História. Fiz a seguinte pergunta a um dos professores: “Teria alguma leitura que eu possa realizar que una patrimônio e arte? Não vou lembrar nos mesmos termos em que fora dito, mas a resposta foi o: o livro de Schiller. Este autor, em seu tempo, no ‘seu lugar de fala’, deixou nas cartas (I-XXVII) que poderiam ser vistas como fontes, a beleza, a cultura na vida dos homens. A inclinação de Schiller em seu pensar aliada à sua vontade de escrever.

Eu confesso que na época eu não gostei muito do tipo de escrita, eu estranhei mesmo. Talvez por conta de minhas limitações linguísticas e literárias, mas, o diálogo constante deste filósofo com as ideias de Kant propondo o equilíbrio para a natureza humana que são cartas escritas no século XVIII e tão atuais no século XXI apontam, em meu entendimento, as necessidades humanas, e os conflitos entre razão e sensibilidade. Preciso partilhar isto com você. A cabeça (razão) e o coração (alma/espírito). Desta maneira, no decorrer da leitura, encontrei as possibilidades dessa harmonia, bem como os desafios coexistentes nesta fusão e uma contribuição significativa para a reflexão acerca da constituição de uma sociedade centrada na estética, conscientizada, livre e sobretudo mais humana.

Entendo hoje, nestas pequenas considerações, que a beleza se encontra em todo processo e no processo de transformação em que me encontro. As palavras escolhidas, pensadas para serem registradas, algumas vezes apagadas e reescritas novamente, com o sentido de fazer sentido e dar sentido para quem lê estes escritos se encontra em algumas das situações e vê possibilidades antes não vistas.

Escrever e ou narrar algumas experiências da minha vida e colocar títulos nelas, tudo isso em tão pouco tempo, foi como pegar uma caixa de quebra-cabeças e espalhar

pelo chão e fazer um convite a mim mesma?

– Vamos montar tudo isso?

– O que posso oferecer ao outro com minha história? E aí, instigar você leitor, o que você pode oferecer ao outro com sua história? Com sua experiência?

– Como posso contribuir como pessoa? Eu, que sempre tentei auxiliar alguém, mas, confesso e compreendo que estava auxiliando muito mais a mim mesma. É um prazer auxiliar e ver as coisas acontecendo se renovando, se transformando. A satisfação de ver as peças do quebra-cabeça no chão já proporciona um ânimo. Ainda tenho muitas perguntas, são tantas que nem dou conta de respondê-las todas aqui porque talvez virasse outro trabalho. Fazendo a analogia com o quebra-cabeça narro aqui um pouco dos sentidos dados aos títulos. Como já foi colocado embora pareça uma linha do tempo não é reta como parece, aliás, não é, nem um pouco. Eu fiz com que virasse um quebra cabeça no meio de peças espalhadas de uma certa organização. Fui orientada como já contei. Começo então, a montar o entorno, a moldura deste quebra-cabeça e inicio, escolhendo uma história próxima aos meus primeiros anos. A Palhaça. Acho o máximo o ser palhaço ou palhaça. Há quem não goste. Eu também não gosto de todos os palhaços, mas, tem alguns que marcam nosso coração. São expressivos. Engraçados. Enfim, depois de adulta tive meus momentos de palhaça atuando como, e este ser palhaça pode ser para além do título para a vida. Há que faça leitura da palhaça em outros sentidos, mas, lembre-se embora estes escritos ousarão a tentar promover sensações mais leves, mesmo que tenha os desafios da vida presentes.

A lousa e o caqui não são subjetivos como pode ser a leitura da narrativa palhaça. Na verdade tentei resumir a história no título. O que uniu um ato há um fato executado, que se deu numa consequência. D. Ivete minha professora de 2ª e 3ª séries foi apresentar uma professora querida que guardei em minha memória. Ela representa muitos outros professores que também tive a sensibilidade aguçada, mas, que num momento de escolha e de experiência D. Ivete foi a escolhida. O tesouro que encontrei

em meu caderno de infância sobre ‘os sentidos’. Nestes momentos, já tinha estava traçando a moldura do quebra- cabeça vida da Luciana e caminho do processo educativo estético da Luciana. Se era somente meu caminho? Não. Era de muitos os meus amigos próximos e colegas de infância que estavam em desenvolvimento e aprendíamos uns com os outros como Vygotsky aponta em seus estudos. Os núcleos que vivenciava estavam me auxiliando a moldar e constituir como pessoa. O que acontecia em volta politicamente, economicamente falando? Nesta época, ainda não sabia direito, mas, já sabia que os trabalhos eram duros de se conseguir e que às tais interações humanos que valorizo tanto já não era tão simples. Embora os humanos tenham fisiologicamente seus corpos semelhantes ou necessidades básicas por exemplo: ir ao banheiro, tomar um banho (aqui no Brasil, país tropical), comer, enfim, somos diferentes por termos gostos e afinidades distintas. E quando você vem de ‘fora’ de outra cidade, acaba sendo uma ‘estranha’ imagine sendo uma criança em que tudo ainda ao seu redor está por descobrir é novo quiçá as relações humanas. Há colegas que te acolhem e outros nem tanto. Hoje com meus 40 anos, ainda, sinto que isto não mudou muito. As crianças cresceram se tornaram ‘adultas’ mas, ainda possuem algumas seleções no trato se aproximar de outro ser humano. É um aprendizado. O que sinto é que muitos dos seres humanos estão longe de serem seres o que realmente dizem ser, o pensar no outro. Porque se pensasse, talvez o mundo não tivesse tantas mazelas a resolver. O que temos vivenciado hoje socialmente? (depois voltarei nesta questão) o dar continuidade em meu quebra- cabeça **‘vida de Luciana no processo educativo estético’** acabei de nomeá- lo assim, mas, é isto, quando coloquei ‘Semana Guiomar Novaes’ foi narrar dentro de um pequeno espaço tantas vivências que obtive frequentando este evento. Foram anos e na verdade nem me dava conta disso e acho que isso era o mais interessante. Eu simplesmente gostava e ponto final. Era o momento de fruição, atenção, aprender a ouvir, uma educação que interligava quase todos os lugares em que eu vivia. Educações. Educações que Brandão aponta. Educação do sensível que Duarte Júnior com preciosidade escreve. Os títulos que seguem: Escola; Vestibulares. Educação num universo já entrando de vez na

adolescência tentando desbravar o mundo, entender os ‘cara pintadas’, o presidente que ‘tirou’ o dinheiro das pessoas no banco, para não falar a outra palavra, não é? Meu pai não tinha muito, mas, fiquei sabendo que o dinheiro foi levado. Que isso? (Parece-me que devolveram depois). Não lembro direito. Cresci na escola estadual que tinha uma merenda deliciosa, teatro que vinha de Campinas se apresentar no pátio da escola e vestibulares não era o principal objetivo para colegas do ensino médio. Não se via competição. Lembro de uma certa união de pessoas mais maduras. Afinal terminei o ensino médio no período noturno. Era outro universo. Este tempo de escola foi no tempo ‘natural’, depois para entrar na universidade já foram muitos outros caminhos desbravados e escolhidos.

Então, nestas escolhas, vieram ‘As bonecas’ que fizeram parte da minha infância, tiveram seu papel do brinquedo e representavam todo os meus faz de conta como toda criança possui. Na adolescência elas estavam lá me olhando crescer, então, ao ‘sair para o mundo’ as levei. Elas tiveram sua importância. Daí para frente meu quebra-cabeça e em especial, tive um certo trabalho dobrado para realizar minha escolhas de experiências estéticas porque foram anos de muitas mudanças e escolhas e tudo aconteceu muito rápido.

Eram momentos intensos por mim vividos, onde eu estivesse, assim, a nomeação ‘Faculdade de Administração de Empresas e trabalho; Núcleo Experimental Teatro de Tábuas -NETT e MARP foram ligados ao trabalho e processo educativo, além de emocionais que vivenciava. Não era só trabalho, mas, neste trabalho foquei nas experiências estéticas, fiz escolhas ao escrever e a pesquisa investigativa narrativa me permitiu idealizar algumas destas escolhas. Foram muitos, mas, muitos encontros com outras pessoas nestes momentos e por isso, o universo de aprendizado educativo vivenciado por mim ou por qualquer outra pessoa que leia este trabalho, você caro leitor, que tenha contato com muitas pessoas, para além de passar algo de si leva sim muito dos outros, para além de ‘O pequeno príncipe’ novamente, Paulo Freire e Vygotsky

entram neste processo de aprendizagem contínua. Como foi um universo novo em que mergulhei e meus encontros com as pessoas rapidamente ou via whatsapp para apontá-las (nomeá-las) em meu trabalho e com o aceite delas é claro, coloquei os nomes, mas, fui cautelosa para que neste trabalho narrado em primeira pessoa não fosse incorreta em invadir espaços que não pudessem ser ocupados. Não aprendi nada sozinha. O que fiz sozinha foi decidir. Se sim ou se não. Conto esta história ou não conto. Contêm experiência estética ou não tem? As escolhas foram feitas. Entendo que, nomeado **‘Os tijolos’** era o portal que me disseram. **‘Meus olhos já não são os mesmos e cada vez que mexo ou remexo neste trabalho encontro algo.’** Tento ser pontual. Tenho tendência a pensar tudo ao mesmo tempo. Assim, neste meu quebra- cabeça tinham peças preciosas, os cantos por exemplo que uniam pontos da moldura. *‘Se eles vieram a ser lineares como a linha do tempo?’* Que nada. De forma alguma. Meu coração ficava angustiado. Agora não sei contar quem veio primeiro, mas, os escritos intitulados ‘Vida’, ‘O processo’ e ‘Qual o tempo que tenho?’ Vieram em momento de alta pressão interior. O processo criativo e o tempo estavam se esbarrando e estava como para nascer um novo escrito. Estes títulos foram vazões da minha linha do tempo selecionada conforme saiam a palavra registrada no computador. É importante ressaltar que esbocei no papel, também numa agenda esta linha do tempo como num desenho do que passou para auxiliar no foco do tempo propriamente dito das circunstâncias.

Os escritos que deram vazão, faziam parte da minha “linha do tempo”, mas, eram momentos que vivi ou estava vivendo, conectados com o passado, um presente e o futuro. Nisso tudo, voltando aos sentidos dos nomes destes títulos: ‘De volta para São João da Boa Vista- reencontros’ ‘Campinas’, ‘Estudos e dança’ apresentam minha localização minha constituição enquanto novas fases da vida e a educação e arte sempre presentes de alguma forma. O que não era diferente em ‘UEL’, ‘Maternidade e especialização’, ‘Campinas- encontros e reencontros’ e ‘Maternidade e trabalho’ que foram o ingresso à tão sonhada universidade pública, o desbravar nos estudos e o início

dos maiores aprendizados na vida de uma pessoa: quando se tem um filho ou filha. Um ou uma ou vários. O aprendizado é para a vida toda. O meu ser se descobre a cada dia. As 'educações'. Nossa! São tantas, que se cada pessoa descrevesse os seus aprendizados (segue a dica, e eu já anotei 'algumas perólas dos meus filhos) são divertidos, são aprendizados para a vida. Os filhos aprendem conosco? Sim, mas, aprendo infinitamente com eles e me reconstruo diariamente, e por isso, escrever sobre Maternidade e trabalho é algo extremamente complexo e delicado. Volto a dizer cada pessoa tem sua história, há semelhanças, o que auxilia em nosso processo de não nos sentirmos sozinha ou sozinhos, mas, o fato que na hora de você decidir. É você quem decidi.

Então, embora você ou eu consultemos a todos os nossos próximos, no final das contas, quem decide é você. Sou eu. O que sinto? Angústia. Difícil realizar escolhas, pois, acredito não ter vivenciado alguma experiência que pudesse me dar tal autonomia na infância, então, fui me moldando, neste ser mais angustiado, fora personalidade, comunidades e tudo que me fez ser o que sou hoje. E volto na questão: 'O que temos vivenciado socialmente hoje?' No sentido de educação, professores que procuram trabalhar com seus alunos e promover o diálogo diante os desafios diários de uma sociedade que não costumam valorizar o professorado nem tampouco a educação dos sentidos. 'Crianças vamos cantar uma linda canção?' Cantar? Olhar? Tocar? Ouvir? Cheira? Gostar ou não gostar? Alma? Sentir? Querer? Você quer algo para sua vida caro leitor? O que você quer? O que senti, o que sonha para você e que influi a todos ao seu redor?

É um trabalho que não ficou imenso em páginas, mas, espero passar nestes meus ensaios de uma pesquisa investigativa narrativa um mergulhar na alma, eu mergulhei na minha. É um desafio este mergulho. Quase uma loucura. Destas loucuras boas. Clarice Lispector conta em uma de suas crônicas a visita de Chico Buarque e escreve Xico Buark me visita e conta que Millôr Fernandez inventa esta escrita. Daí, ela

vai contando o diálogo entre eles e transparece a sua admiração por Chico Buraque e aqui transcrevo o que ela conta do que ele sente. E confesso, que me vi, e talvez você já tenha sentido isso.

‘Chico acha que tem cara de bobo porque suas reações são muito lentas, mas que no fundo é um vivo. Só que pôr os pés no chão no sentido prático o atrapalha um pouco. Acha que o sucesso faz parte dessas coisas exteriores que não contribuem em nada para ele: a pessoa tem sua vaidade, alegra-se, mas isso não é importante. **Importante é aquele sofrimento de quem procura buscar e achar. Hoje, disse-me, acordei-me com um sentimento de vazio danado porque ontem terminei um trabalho.** (grifo meu,p.357)

Entendam que é este o meu sentimento finalizando este trabalho: um vazio. Você vai ler e vai me procurar para conversar? Alguém irá querer me ouvir? Pode ser vaidade, mas, não é. Um desejo de continuidade pra não ficar no ponto final do vazio de um trabalho ‘terminado’. O tempo acabou. Este ciclo fechou, mas, outras experiências virão com certeza, assim permaneço na esperança.

Compreendo a importância de que haja mais universidades que atuem para além do próprio universo acadêmico, para além de onde não conseguimos, ainda, nos dirigirmos ainda mais, com o olhar atento. Acredito que temos muito por fazer e que não iremos desistir (e falo por todos que acreditam junto comigo). As pessoas precisam acreditar em si mesmas e ter sempre alguém que as conduza e impulse para um viver sensível. Eu estou aprendendo, e não é simples assim, são dos pequenos gestos aos mais grandiosos. Como o meu fio condutor é a educação, enfatizo, que o professor/a seja lá onde ele/a esteja ou atue tem um papel primordial. São os que regem às crianças que serão os futuros adultos, e são também dos/as professores/as universitários que regem os adultos/as que já tiveram muitas tantas experiências antes de sentar numa cadeira de universidade para aprender, ver, gostar, sentir, querer e sonhar.

Os museus, as bibliotecas, os monumentos nas cidades, as praças, aquilo que nos proporciona e nos leva a fazer as perguntas que fazíamos quando crianças. Podemos



tentar ser adultos e não perder a sensibilidade das crianças? O que aconteceu com este olhar? Resgato ele quase todos os dias. “Por que estou aqui?” “Qual é meu papel no mundo?” Enquanto professores pesquisadores, o diálogo deve se fazer constante e necessário. O aprendizado contínuo e a abertura para críticas e a compreensão das mudanças.

Como pesquisadora iniciante e enfatizo nisto e registro, tento escrever para ampliar estas reflexões com meus pares na escola ou em outros lugares, com um sonho de realização ou um projeto. Não é para adornar um currículo, mas sim, porque acredito naquilo que estudo. Acredito nas experiências vividas. É um pouco da partilha da minha experiência e do meu aprendizado, que busca contribuir para ampliar e chegar de forma narrada. O professor deve escutar para além de falar. O silêncio. O silêncio que fala, que toca.

Diante das representações, dos símbolos, significados, linguagens, quando adentro nos museus e teatros, o estar em contato com a arte é capaz de contribuir para nossas reflexões e apurar o que entendemos como profissão.

[...] Você é um importante mediador para este exercício e deve sempre estimular o aprofundamento da percepção visual, por meio de questões que provoquem o aluno a olhar o objeto de outras formas.”[...] (PEREIRA *et al*, 2007, p. 41).

Diante desta responsabilidade, que não é somente minha, mas de todos envolvidos o processo criativo da escrita do ato de narrar e realizar uma análise, me coloca a refletir sobre as experiências como mediadoras, experiências estéticas transformadoras.

Hoje a educação patrimonial é formalizada como política pública em escala nacional, na medida em que o IPHAN recomenda o Guia Básico de Educação Patrimonial (1999), elaborado pela museóloga Maria de Lourdes Parreiras Horta, diretora do Museu Imperial. Neste guia, a educação patrimonial é definida como “um instrumento de ‘alfabetização cultural’ que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o

rodeia”, caracterizado por ser um “processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-o para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural”. Novamente, a noção de alfabetização traduz a dificuldade do Estado em lidar com a diversidade cultural, pois, afinal, quem seria o analfabeto cultural que a educação patrimonial deseja educar? Isso nos revela como a educação patrimonial pode ser usada tanto para afirmar a dominação social vigente como para desenvolver o senso crítico para compreensão da diversidade cultural, assim como do conflito na História (nessa perspectiva, prefiro pensar em **sensibilização** para o patrimônio, em vez de educação patrimonial). (CERQUEIRA, 2005, p.98, grifo nosso)

É esta sensibilização que me interessa pesquisar, busco procurar compreender de que maneira este ‘educar’ o olhar para o que está no entorno, na vida, na sociedade e para os que vivem nela. Acredito que a sensibilidade, no sentido de ‘sentidos’, já tantas vezes mencionados nestes escritos, é um patrimônio transformador, apreendido e aprendido. Deixaremos, por fim, registrada com certa ênfase, a importância de existir e persistir diante dos desafios da atualidade, espaços que possam sensibilizar a todos nós que fortaleça nosso ‘patrimônio pessoal’. Lugares em que a resistência, gentileza, respeito, educação, memórias estão presentes o tempo todo diante do cuidado em que me coloco, em relação aos que estão ‘engajados’ nesta luta e as experiências que se apresentam. Outras experiências estarão por vir e eu vou “viver sem ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz...” E a vida continua...com as ‘possibilidades de um viver sensível.’

## AGRADEÇO

*“ Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente.”*

*Paulo Freire (2011, p.92)*

Eu devo agradecer. Não só na parte dos agradecimentos desta pesquisa. O agradecimento começa lá, na minha concepção ou anterior a ela, e chega a todos que me permitiram crescer em tamanho e cuidaram da minha pessoa com todo amor. O crescimento e a ‘descoberta do meu mundo’, lembrando do título do livro que me encantou recentemente, em 2019, “A descoberta do mundo” de Clarice Lispector. A cada dia estou, cada vez mais, descobrindo algo a cada tempo e leitura proporcionada.

Agradeço cada respiro dado, cada passo dado e todas as pessoas que pude conhecer e com as quais ainda vou interagir. Pelo olhar que tenho por tudo ao redor e que Deus, o Universo e a qualquer outro mistério que quiserem nomear, é Ele que me proporciona os sentidos que, algumas vezes, não consigo explicar.

Agradecer ao meu esposo e filhos eternamente porque sou uma pessoa abençoada de ter estes queridos ao meu lado, lindos, alegres e cheios de energia . Deixar este registro aqui é pra lá de importante pra mim.

Eles são minha equipe constante e diária de trabalho. Riqueza espiritual. Eu choro enquanto escrevo, meu caro leitor, porque parece-me que ser feliz é algo até ofensivo nos dias de hoje, com tantos acontecimentos, e tantas catástrofes no mundo. Além do tempo que falei na narrativa anterior, tem toda uma logística para escrever esta pesquisa, amigos que ajudam por perto olhando as crianças, juntando seus filhos com os nossos, crianças que querem a atenção da família e querem se divertir com ou sem férias escolares.

Agradeço pelos eternos ombros amigos. Ao longo da vida, e desses últimos anos e em especial, neste período de mestrado. Desde a infância e, até hoje, sempre agradeço esta interação entre as pessoas e com Deus, o universo favorecer tantos encontros e reencontros de almas que se afinam e pensam na construção de um mundo melhor. Agradeço por me ouvirem e lerem minha pesquisa, meu tentar ousar em escrever algo, grata pelos que acreditaram e acreditam na minha capacidade de aprender e tentar.

Agradeço à Giovana, minha revisora que se tornou amiga e está nesta caminhada também, presencialmente na luta diária da vida, e pelo presente que são os

seus livros, especialmente o “Tudo depende”, no qual a avó da personagem Clarice fala sobre o equilíbrio, da quantidade certa do remédio a ser tomada. Da saúde e do equilíbrio. De um mundo repleto de gente andando de bicicletas. De pessoas felizes. Agradeço pela força sempre.

Agradecer também pode ser visto como uma experiência estética nesta narrativa, pois, quando se houve dizer enquanto criança as palavras ‘mágicas’: com licença, obrigada, por favor, e não me recordo se aqui entram aqui as palavra perdão ou desculpe. Eu aprendi na infância a pedir desculpas muito rapidamente, e não por isso acredito ser mais importante do que outras. Acreditar em algo, ter alguma crença ou não ter, não deveria ser um ponto que atrapalhasse o desenvolvimento dos seres humanos ou a interação das pessoas. Isto é cultural e muito particular. O respeito aprendemos também desde crianças, imagino ingenuamente que enquanto adultos poderíamos aprimorar essa parte. O respeito aos outros e ao ser humano está em extinção, mas, para minha e nossa alegria há pessoas com coração generoso que têm a capacidade de guiar os outros com gentileza e auxiliar as pessoas que possuem mais dificuldades a se conhecerem melhor e, assim, poder lidar com os outros seres humanos e lhes permitir o que Freire (2011) fala sobre “generosidade e **autonomia**’ (grifo meu).

‘É com ela, a autonomia, penosamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o “espaço” antes “habitado” por sua dependência. Sua autonomia que se funda na responsabilidade, que vai sendo assumida. (FREIRE, 2011, p.91-92).

Com a liberdade dada ao aluno/a, aquela que afirma ser possível ‘exercitar a liberdade’, os processos da vida e os espaços educativos, o ser humano se encontra. Agradeço pelo processo da vida e pelo grande mediador/regente dela. Grata a você caro/ a leitor/a pela atenção e pelo diálogo da escuta também. Paz, alegria, amor, fé e esperança a todos nós! Estudar, dialogar e persistir sempre!

*.....e continuarei renascendo a cada dia... e por isso também agradeço.*

## Referências

- BENJAMIN W. – Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 198-221.
- BRANDÃO, C. R. **Educação? Educações:** aprender com o índio. In:\_\_\_\_\_.O que é educação. 6a Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982. p. 7- 12.
- CABRAL, M. Memória, patrimônio e educação. Resgate. Revista Interdisciplinar de Cultura, Campinas (SP), n. 13, p. 35- 42, 2004.
- CERQUEIRA, F. V. Patrimônio Cultural, Escola, Cidadania e Desenvolvimento Sustentável. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 91-109, 2005.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. Criar Edições. 2003.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. O que é beleza. 2a reimpressão. 3. ed. de 1991. São Paulo: Editora Brasiliense, 2009.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. A montanha e o videogame: escritos sobre a educação. Campinas, SP: Papirus, 2010.- (Coleção Ágere)
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 50 ed. revisada e atualizada Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GOUVEIA, I.; RODRIGUES, L. C.. “Espaço museu construção do saber” Ano 1, No Especial I. Maio de 2006. Dôssie especial : Museus e públicos jovem. Disponível em: <http://www.unirio.br/jovemmuseologia/>
- GRUNBERG, E. Manual de Atividades de Práticas de Educação Patrimonial. Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. IPHAN. 2007.

HORN, M. da G. S. **Sabores, cores, sons, aromas:** a organização dos espaços na educação infantil. \_Porto Alegre: Artmed, 2004. Como as crianças brincam: os jogos que são jogados nos espaços criados p.98-102.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. **Guia básico de educação patrimonial. Brasília:** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Museu Imperial, 1999.

LISPECTOR, C. 1925-1977 A descoberta do mundo/ Clarice Lispector.-Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MARTINS, M. C. **Pensar juntos mediação cultural:** [entre] laçando experiências e conceitos. São Paulo: Terracota Editora, 2014. **Experiências estéticas:** aberturas e marcas, vivas e vividas. DEMARCHI, R.(p.67- 82)

NOUWEN, H. J. M. A volta do filho pródigo. A história de um retorno para casa. 11ª \ Tradução Sonia S. R. Orberg) São Paulo. Paulinas, 1997. (Coleção sopro do espírito) Edição. 2002

PEREIRA, J. S. ; SIMAN, L. M. C.; COSTA, C. M.; NASCIMENTO, S.S. **Escola e Museus:** diálogos e práticas. Belo Horizonte: Secretaria do Estado de Cultura/ Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/ Cefor, 2007.

PRADO, G.V.T.; SERODIO L. A. ; PROENÇA, H. H. D. M. P.; RODRIGUES, N. C. **Metodologia narrativa de pesquisa em educação:** uma perspectiva bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. 213p.

SANTOS, A. S. Mediações Arteducacionais. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2008. p. 19- 64

SOUZA, E. C. Et al. **Pesquisa narrativa:** interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017. HERNANDÉZ. F. **Minha trajetória pela**

**perspectiva narrativa da pesquisa em educação (p.49- 74)**

SOUZA, E. C. Et al. **Pesquisa narrativa:** interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017. CASTAÑEDA, J. A. S. ET AL **Narrar a vida:** deliberações no campo biográfico (p.75-97)

SOUZA, E. C. Et al. **Pesquisa narrativa:** interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2017. MARTINS, R.; TOURINHO, I. **(Des) arquivar narrativas para construir histórias de vida ouvindo o chão da experiência** (p.143-165)

SCHILLER, F. **A Educação Estética do Homem** numa série de cartas.Tradução- Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. Introdução e notas- Márcio Suzuki. São Paulo, Editora Iluminuras, 2002. (7-142)

VALENT, G. U.; UMBUZEIRO, G.A. Tudo depende. São Paulo. Epifania Livros. 2017.

VYGOTSKY, L.S. Psicologia pedagógica. Edição comentada. Tradução Claudia Schilling- Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKY, L. S. A imaginação e a arte na infância. Tradução de Miguel S. Pereira. Lisboa, Relógio D' Água Editores,2009.